

ALMANAQUE

# MVS B

O PERCURSO DO  
MUSEU VIVO DO  
SÃO BENTO

LEEAR MARTINIANO  
MARLUCIA SANTOS DE SOUZA

ALMANAQUE

# MVSB

O PERCURSO DO  
MUSEU VIVO DO  
SÃO BENTO

LEEAR MARTINIANO  
MARLUCIA SANTOS DE SOUZA





ALMANAQUE

# MVSB

O PERCURSO DO  
MUSEU VIVO DO  
SÃO BENTO

LEEAR MARTINIANO  
MARLUCIA SANTOS DE SOUZA



© 2024 Leear Martiniano e Marlucia Santos de Souza

*Capa, ilustrações,  
projeto gráfico e diagramação  
Leear Martiniano*

*Texto  
Leear Martiniano  
Marlucia Santos de Souza*

*Revisão  
Risonete Nogueira*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martiniano, Leear  
Almanaque MVSB [livro eletrônico] : o percurso do Museu Vivo do São Bento / Leear Martiniano, Marlucia Santos de Souza. --  
Duque de Caxias, RJ : Museu Vivo do São Bento, 2024.

PDF

ISBN 978-65-985664-0-1

1. Almanaques 2. Duque de Caxias (RJ) - História 3. Museu Vivo do São Bento - Duque de Caxias (RJ) - História 4. Patrimônio cultural - Duque de Caxias (RJ) 5. Patrimônio histórico - Duque de Caxias (RJ) I. Souza, Marlucia Santos de. II. Título.

24-241556

CDD-069.5098153

Índices para catálogo sistemático:

1. Almanaque : Museu Vivo do São Bento : Percursos :  
Duque de Caxias : Rio de Janeiro : Estado : Museologia 069.5098153  
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

**AACRPH-DC**

Presidente

**Paulo Pedro da Silva**

Secretário

**Filipo da Silva Tardim**

Diretora de Pesquisa

**Marlucia Santos  
de Souza**

**EQUIPE MVSB / CRPH (2024)**

Antônio Augusto Braz

Arilson Mendes Sá

Beatriz Sabino de S. Leite Triani

Daiana da Silva de Oliveira

Débora Cristina Vieira

Debora Nunes Cavalcanti

Deise Guilhermina da Conceição

Filipo da Silva Tardim

Flavia Andreia Paes Leite

Julio Cesar de A. dos Santos

Marlucia Santos de Souza

Mateus Lucas de M. Amaral

Nielson Rosa Bezerra

Paulo Pedro da Silva

Rodrigo Henrique T. de Oliveira

Rosenilda Santos da Silva

**Museu Vivo do São Bento**

Rua Benjamin da Rocha

Júnior, s/n, São Bento,

Duque de Caxias, RJ



museuvivodosabento

mvsb.com.br

# SUMÁRIO

REOLHANDO O PERCURSO 152

CRÉDITOS DAS IMAGENS 174

LEITURAS PARA MAIS SABER 179

MUSEU VIVO DO SÃO BENTO 06

FAZENDA DO IGUAÇU 12

## O PERCURSO

01. CASA DO ADMINISTRADOR 26

02. CASARÃO E CAPELA 34

03. TULHA A 50

04. FARMÁCIA 56

05. TELÉGRAFO 64

06. SEDE ADMINISTRATIVA 72

07. CASA DO COLONO 80

08. ESPORTE CLUBE 88

09. SAMBAQUI 96

10. TULHA B 114

11. NOVO SÃO BENTO 120

12. RIO IGUAÇU 128

13. MORRO DO CÉU 138

14. CENTRO PAN-AMERICANO 152



# MUSEU VIVO DO SÃO BENTO

O

Museu Vivo do São Bento (MVSB) é o primeiro ecomuseu de percurso instituído na Baixada Fluminense e está localizado no bairro de São Bento, em Duque de Caxias, RJ. Ele está vinculado à Secretaria Municipal de Educação do município e foi oficialmente criado pela Lei municipal nº 2224 de 2008, após reivindicações de profissionais da educação e de militantes culturais caxienses. Sua gênese, no entanto, remonta à década de 1980, quando movimentos sociais locais começaram a promover cursos e trabalhos de campo sobre a história do território. Desde então, o atual percurso do Museu é visitado por alunos, professores, moradores e pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

A concretização do desejo de que o MVSB fosse uma ferramenta de uso comunitário e participativo, o colocou em sintonia com os princípios da **museologia social**, e o tornou um dos principais exemplos desse “novo” jeito de se fazer museu no país. Em 2013 foi um dos fundadores da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (Remus-RJ).

O território do MVSB contempla diversas temporalidades: os sinais de presença dos **povos originários**, com um sítio arqueológico de população sambaquiana com cerca de 4000 anos; o **período colonial e escravista brasileiro**, através da Fazenda do Iguaçu, que inaugurou o projeto de colonização lusitana nas cercanias da Guanabara ainda no séc. XVI, e, mais tarde, foi unidade produtiva do Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro; o **período Varguista**, com edificações do Núcleo Colonial São Bento das décadas de 1930 e 1940; e o **tempo presente** através, por exemplo, das recentes ocupações populares na região.

Essa história é apresentada a partir dos 14 pontos do percurso situados no bairro São Bento. O percurso é dividido em **percurso sugerido** (mais simples e curto, ideal para quem está visitando o MVSB pela primeira vez, ou deseja fazer a visitação de forma autônoma) e **percurso ampliado** (com mais pontos de visitação e um tempo maior de duração, indicado para quem deseja uma experiência mais completa, sendo recomendado que a visita seja feita junto com um guia do museu).

Para além do percurso, o MVSB promove também uma série de atividades e projetos, periódicos ou não, tais como: programa de formação de jovens agentes do patrimônio, programa de

mulheres artesãs, formação de professores, cineclube, agroecologia, capoeira e museu de leitores. Destaca-se ainda sua atuação no Conselho Gestor da APA São Bento e junto às políticas públicas culturais, sendo um dos poucos equipamentos públicos dedicados à cultura do município. Em 2023, o MVSB foi certificado como Ponto de Memória pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

Com esse almanaque como guia você é nosso convidado para conhecer o Museu Vivo do São Bento e percorrer o seu percurso. **Boa jornada!**





FAZENDA

DO

IGUAÇU



# N

ossa jornada começa pelo local que viria a ser a Fazenda do Iguaçu, um território indígena invadido e expropriado pelos portugueses após a Guerra dos Tamoios, em 1565. No mesmo ano, essas terras foram doadas como sesmaria pela coroa portuguesa a Cristóvão Monteiro.

Na sesmaria, Cristóvão Monteiro e seus familiares, instauraram a Fazenda do Iguaçu. Africanos e tupinambás (tamoios derrotados) escravizados constituíram a força que movimentava a produção açucareira e de farinha, na fazenda. Pelas vias fluviais circulavam as produções, tanto para a exportação, quanto para o abastecimento da cidade portuária do Rio de Janeiro.

**Em 1574** Cristóvão Monteiro faleceu e, assim, a propriedade passou a ser administrada por sua esposa Marquesa Ferreira, filhos e outros familiares. A partir de 1591 a fazenda foi transferida para a Ordem de São Bento do Rio de Janeiro, que a geriu até 1922. Nesse período, a fazenda intensificou e diversificou suas atividades econômicas, introduzindo olarias (fabricação de telhas, tijolos, formas e outros utilitários de cerâmica); comercialização de madeiras; criação de gado, porcos, mulas e aves; fabricação de anil, carvão, cal e sabão; plantio de arroz, frutas, hortaliças; lavagem de roupas etc. Havia ainda uma taberna para comercialização imediata de algumas produções locais e regionais.

Há farta documentação e notícias da presença de vários quilombos no interior da propriedade beneditina durante o século XIX. Vale destacar a presença dos quilombos situados às margens dos rios Iguaçu, Sarapuí e Pilar, como o Quilombo do Bomba (na área do atual campo do Bomba), o Quilombo do Amapá (próximo à nascente do rio Iguaçu) e o Quilombo do Gabriel (rio Pilar).

**Em 1871** os escravizados da Fazenda do Iguaçu foram alforriados, mas, mantiveram-se trabalhando para efetivar o pagamento da carta

de liberdade. Após anos de trabalho com vista ao pagamento da alforria, tornaram-se jornaleiros, meeiros, arrendatários etc.

**Entre 1876 e 1886**, a fazenda foi recortada pelas estradas de ferro Rio d'Ouro e Leopoldina Railway. O desmatamento acelerado e as carvoarias provocaram um desequilíbrio ambiental, agravando situações de inundações. Nas primeiras décadas do século XX, o território foi impactado pelas ações de três comissões federais de saneamento e, consequentemente, pela retificação dos rios e aterramentos de lagos, criadores naturais de peixes e até de açudes.

**Em 1918**, a Ordem de São Bento hipotecou todo o território da fazenda e, como não efetuou o pagamento, perdeu a propriedade. Em 1922, as terras da fazenda passaram a ser terras da União e foram administradas pela Empresa Pró-Melhoramentos, responsável pelo saneamento da Baixada Fluminense, até 1930. Nesse período, o território da fazenda foi recortado pela avenida Automóvel Clube (1926), a primeira rodovia de integração do Rio à Petrópolis, e pela rodovia federal Rio-Petrópolis (1928), a atual Av. Gov. Leonel de Moura Brizola.

**A partir de 1932**, com a instituição do Núcleo Colonial São Bento no território da fazenda pelo Ministério da Agricultura, várias edificações foram instaladas. São desse período, por exemplo, a Casa do Administrador e diversas casas para colonos. Além disso, houve o estabelecimento do Parque São Bento, que proporcionou o reflorestamento do conjunto de morros que compõem o Morro do Céu.

**Em 1942**, foi inaugurada a Cidade dos Meninos, local destinado ao acolhimento de crianças desvalidas. Na mesma área, foi instalado, em 1946, o Instituto de Malariologia, com vistas a investir em pesquisas para o combate da malária e outras endemias rurais.

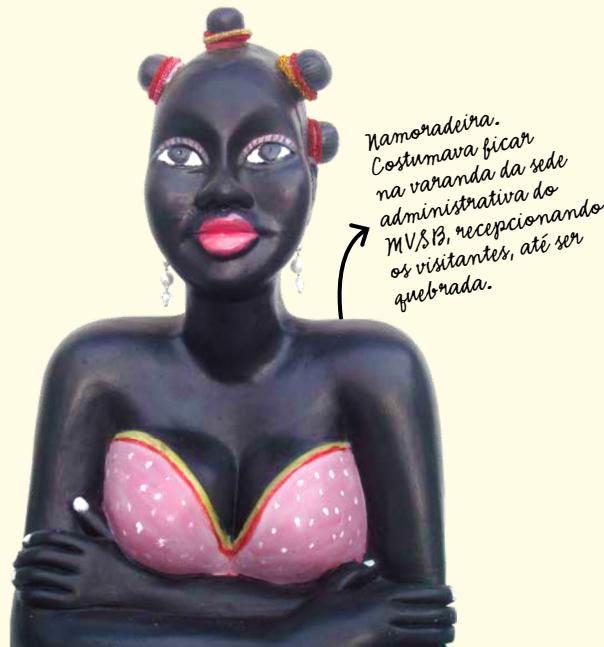
**Em 1957**, o complexo da Fazenda do Iguaçu (Casarão e Capela) foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

**Em 1961**, a Refinaria de Duque de Caxias (Reduc) foi inaugurada, ao mesmo tempo em que o Núcleo Colonial foi extinto. Com a extinção do núcleo, os sítios ocupados pelos colonos foram retalhados, e vários loteamentos, bairros e ocupações foram surgindo e mudando a paisagem do lugar.  
*Pilar, Cidade dos Meninos, Esperança, Lote XV, Wona, Parque Fluminense, Vila Rosário, Babi, Amapá, Vila Alzira e Novo São Bento* são alguns

exemplos de localidades recentes que, atualmente, fazem parte dos municípios de Duque de Caxias e de Belford Roxo.

**Desde 2011**, com a abertura da sede do Museu Vivo do São Bento neste território, narrativas passadas e presentes, silenciosas e silenciadas, vêm ganhando voz, espaço, protagonismo.

Esse é apenas um breve panorama do território onde está situado o Museu Vivo do São Bento. Ao longo das próximas páginas você vai conhecer um pouco mais dessa história a partir de cada ponto do percurso. **Vamos começar!**



entre 4 e 6 mil anos a. p.	entre 3 e 2 mil anos a. p.	1555	1565	1567	1591	1645	1825	1833	1871	1876-1886	final do séc. XIX e início do séc. XX
Presença dos povos das Conchas. <b>SAMBAQUI</b>	Presença Tupinambá.	Presença francesa no Rio de Janeiro.	Invasão lusitana no RJ e criação da Sesmaria de Iguaçu pela coroa Portuguesa.	Instalação e ocupação da Fazenda do Iguaçu por Cristóvão Monteiro. <b>CASARÃO</b>	Doações e comercialização de terras da Fazenda do Iguaçu para os beneditinos.	Instalação da <b>CAPELA</b> 	Expedição organizada pelo Estado Imperial contra os quilombos de Iguaçu.	Criação do Município de Nova Iguaçu.	Os escravizados da Fazenda do Iguaçu são alforriados.	O território da Fazenda do Iguaçu é recortado pelas estradas de ferro Rio d'Ouro e Leopoldina Railway.	Construção da <b>TULHA A</b> , da <b>FARMÁCIA</b> e da <b>TULHA B</b> . 
1922	1922-1930	1932	1933	1935	1938	1939	década de 1940	1942	1943	1946	
As terras da Fazenda do Iguaçu tornam-se terras da união.	Empresa Pro-Melhoramentos da Baixada Fluminense realiza saneamento e passa a administrar a Fazenda do Iguaçu em nome do Estado.	O território da Fazenda é recortado pelas estradas Automóvel Clube (1926) e Rio-Petrópolis (1928).	Instalação do Núcleo Colonial São Bento. 	Criação da Comissão Federal de Saneamento da Baixada Fluminense e realização de obras de saneamento.	Instalação da Rádio Receptora do Departamento de Correios e Telégrafos. <b>TELÉGRAFO</b>	Criação da Estação Fitossanitária do São Bento. <b>CENTRO PAN-AMERICANO</b>	Criação do Parque São Bento. Construção da <b>CASA DO ADMINISTRADOR</b> , do <b>ESPORTE CLUBE SÃO BENTO</b> e de <b>CASAS DE COLONOS</b> 	Construção do prédio para abrigar o hospital do Núcleo Colonial. <b>SEDE ADMINISTRATIVA</b>	Instalação da Cidade dos Meninos.	Fundação do Município de Duque de Caxias.	Construção da Escola Odilon Braga. Criação do Instituto de Malariologia no interior da Cidade dos Meninos.
1951	1954	1957	1959	1960	1961	1964	1965	1972	1976	década de 1970	década de 1980
Criação do Centro Pan-Americano de Febre Aftosa. <b>CENTRO PAN-AMERICANO</b>	Início da instalação da Comunidade Liberdade, primeira ocupação às margens do Rio Sarapuí.	Tombamento pelo Iphan do Complexo da Fazenda do Iguaçu. <b>CASARÃO E CAPELA</b>	Início das atividades do Patronato São Bento. <b>CASARÃO E CAPELA</b>	Descoberta e registro no Iphan do Sítio Arqueológico Sambaqui do São Bento. <b>SAMBAQUI</b>	Extinção do Núcleo colonial São Bento. Inauguração da Reduc.	Fundação do 37º Grupo Escoteiro Fernão Dias Paes Leme. <b>SEDE ADMINISTRATIVA</b>	Fundação da Escola Nísia Vilela Fernandes. <b>SEDE ADMINISTRATIVA</b>	Instalação da Feuduc, criada anteriormente em 1968.	Instalação do Aterro Sanitário de Jardim Gramacho. <b>FARMÁCIA</b>	Início dos projetos Centro Social Renascer/Reviver. Criação da Casa de Retiro São Francisco.	Início das visitas guiadas pelo percurso do MVSB. Criação do Museu Casa do Administrador. 
1995	1997	2002	2003	2005	2006	2007	2007-2008	2008	2010	2011	2018
Instalação da ocupação <b>NOVO SÃO BENTO</b> .	Criação da APA São Bento.	Redescoberta do Sítio Arqueológico Sambaqui do São Bento. <b>SAMBAQUI</b>	Transferência da Escola Nísia Fernandes Vilela para um novo prédio. <b>SAMBAQUI</b>	Criação e definição da sede do CRPH e do Cepemhed. <b>SEDE ADMINISTRATIVA</b>	Polo da PUC-Rio é aberto na Casa de Retiro. <b>TULHA B</b>	Instalação do Moto Clube Veneno da Cobra.	Campanha SOS Sambaqui do São Bento.	Criação oficial do MVSB.	Escavação do Sítio Arqueológico Sambaqui São Bento. <b>SAMBAQUI</b>	Abertura da sede do MVSB. <b>SEDE ADMINISTRATIVA</b>	Criação do Museu Casa do Administrador. <b>CASA DO ADMINISTRADOR</b>

## **PORTAL DE ENTRADA**

O Núcleo Colonial São Bento possuía dois portais, um na entrada da Estação Fitossanitária do São Bento, e outro na sede Gleba do núcleo. O primeiro portal foi construído em 1939 e o segundo, provavelmente, foi erguido logo após a criação do núcleo. Hoje, esse local marca o início do percurso do Museu Vivo do São Bento.

*Seja bem vindo!*



01.

CASA

ADMINISTRADOR

DO

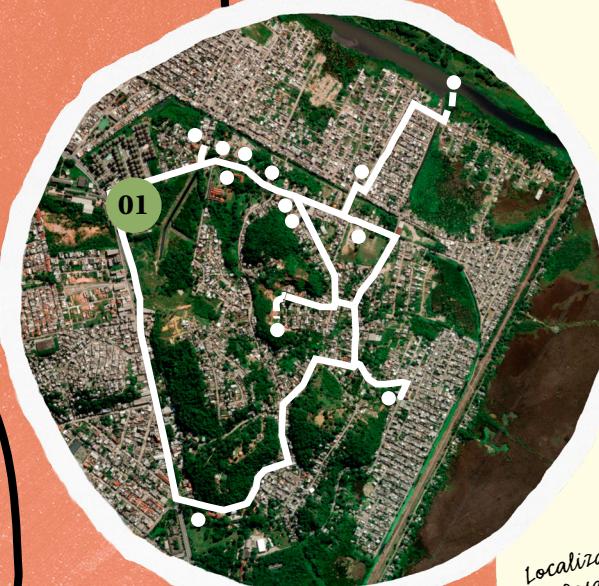
FFUDIC

# A

## CASA DO ADMINISTRADOR

foi construída pelo Ministério da Agricultura em 1939, durante a **ERA VARGAS**, nas margens da antiga estrada Rio-Petrópolis, atual Avenida Governador Leonel de Moura Brizola, ao lado do portal de entrada da sede **GLEBA DO NÚCLEO COLONIAL SÃO BENTO**. Era espaço de poder e moradia do administrador do Núcleo Colonial e de sua família.

A edificação dispunha de uma varanda aberta, cômodos espaçosos e arejados, portas e janelas de madeira e cobertura de telhas, características preservadas até hoje. Em 1939, era possível identificar a existência de um chafariz na frente da casa, como também uma garagem e jardins no seu entorno, e no caminho que levava até à sede da Fazenda do Iguaçu (Casarão).



**construção**  
1939

**utilização original**  
Moradia do administrador  
do Núcleo Colonial São  
Bento e de sua família

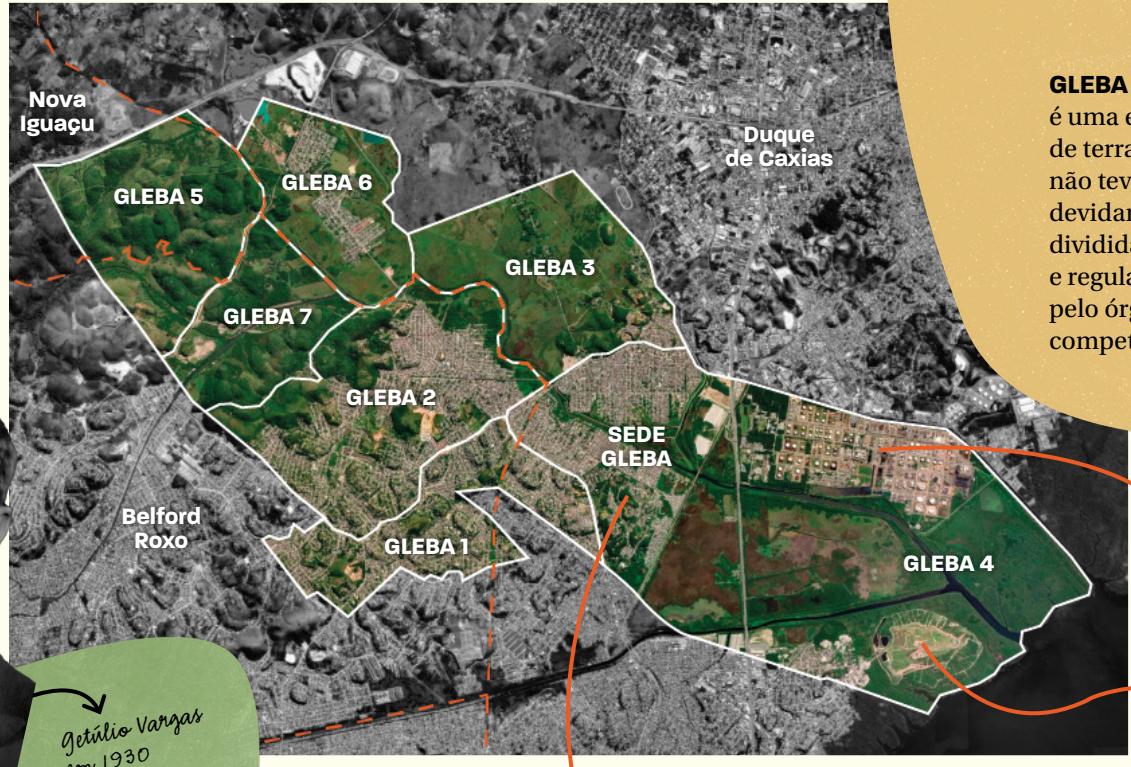
**utilização atual**  
Sede da APPH-Clio  
e Museu Casa  
do Administrador

Território  
da antiga  
Fazenda do  
Iguaçu e  
Núcleo  
Colonial  
São Bento



Getúlio Vargas  
em 1930

**ERA VARGAS**  
é o período da história do Brasil entre 1930 e 1945, quando Getúlio Vargas governou o Brasil por 15 anos, de forma contínua. Compreende o Governo Provisório, o Governo Constitucional e o Estado Novo.



### GLEBA

é uma extensão  
de terra que ainda  
não teve sua área  
devidamente  
dividida (loteada)  
e regulamentada  
pelo órgão público  
competente.

### NÚCLEO COLONIAL SÃO BENTO

foi um projeto getulista de reassentamento agrícola criado em 1932 e extinto em 1961. A iniciativa fazia parte do projeto de colonização de terras públicas para promover uma produção diversificada, com o objetivo de assegurar o abastecimento urbano da capital federal, à época, ainda o Rio de Janeiro. Assim, cada gleba do Núcleo tinha um tipo de produção que podia ser: laranja, banana, mandioca, cana-de-açúcar, entre outros.



### **ADMINISTRADOR, QUEM ERA E O QUE FAZIA?**

O administrador era o representante direto do Ministério da Agricultura, e atuava como se fosse o prefeito do lugar. Cabia a ele diversas tarefas da gestão do núcleo, tais como:

- 1** a gestão dos funcionários;
- 2** o planejamento e execução das obras;
- 3** a recepção de novos colonos;
- 4** a disponibilização de intérpretes, quando necessário, no caso de colonos estrangeiros;
- 5** a disponibilização de ferramentas, sementes, e de engenheiros agrônomos para auxiliar no plantio e manejo dos sítios;
- 6** efetuar a distribuição dos lotes para os agricultores e entregar-lhes os títulos provisórios e definitivos;
- 7** visitar os lotes ocupados para manter a ordem, e informar a Divisão de Terras e Colonização a aplicação de penas disciplinares, quando necessário.



A partir da década de 1970, o prédio passou a fazer parte da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias (**FEUDUC**). Hoje, a Casa do Administrador é sede da Associação de Professores-Pesquisadores de História (APPH-Clio) e do Museu Casa do Administrador.



*Detalhe da Casa  
do Administrador*

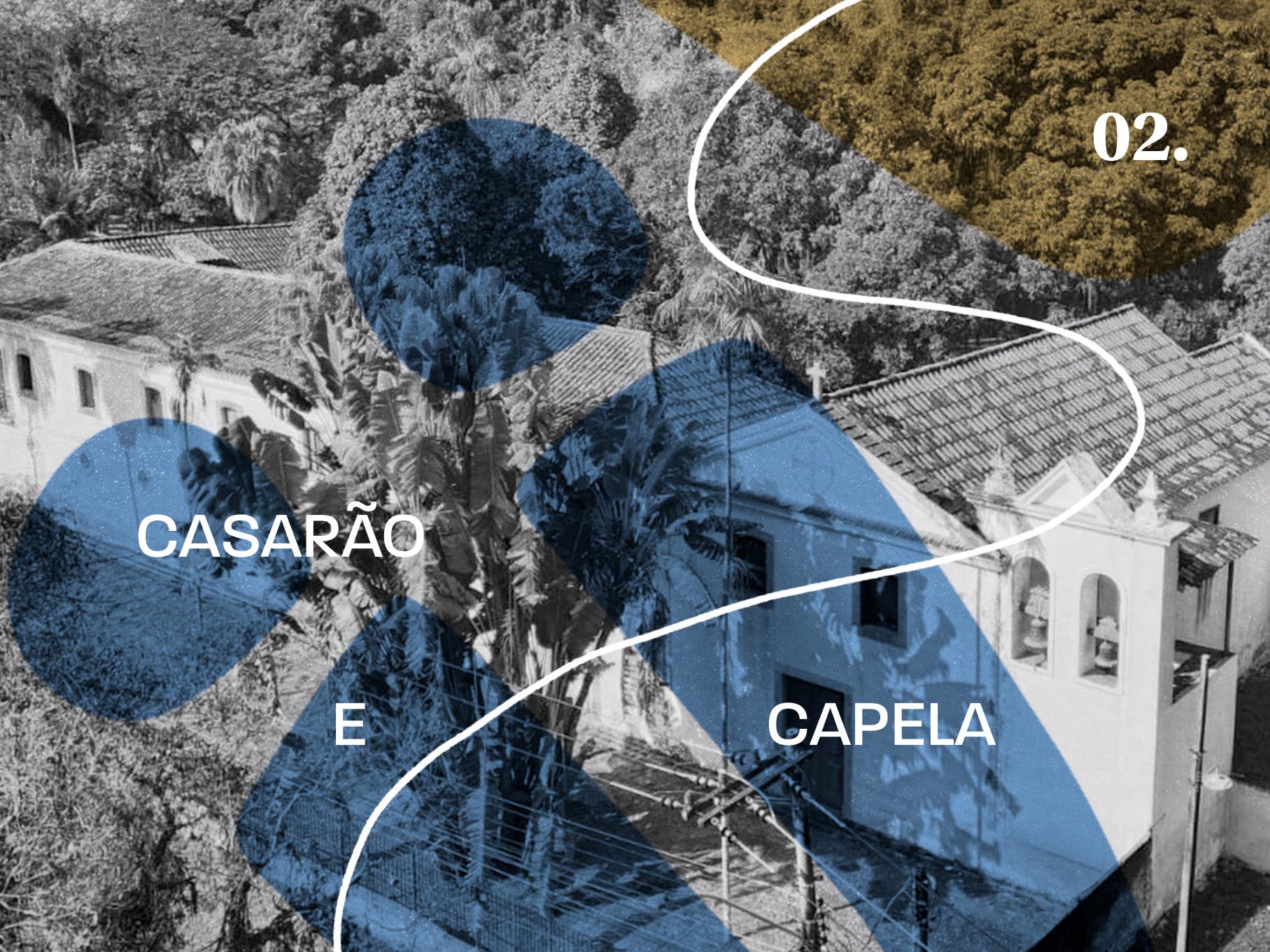
### **FEUDUC**

Em 1972, uma parte da sede Gleba, do Núcleo Colonial São Bento, foi cedida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para a instalação da primeira faculdade de licenciatura da cidade de Duque de Caxias, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias (Feuduc), que havia sido criada há pouco, em 1968. Ao longo dos anos, a instituição formou quase 15 mil profissionais, em grande parte professores que passaram a atuar na cidade e na Baixada Fluminense.

Os alunos e professores do departamento de história da instituição, e em especial o seu Centro de Memória, Pesquisa e Documentação da História da Baixada Fluminense (Cempdoc/BF) contribuiu significativamente para consolidar o percurso que hoje é o MVSB.

Em 2018, após diversos problemas, a Feuduc encerrou suas atividades.

02.



CASARÃO

This aerial photograph shows a historical estate. On the left, a large, two-story building with a tiled roof, identified as the 'CASARÃO' (main house), is visible. To its right is a smaller, single-story building with a tiled roof and arched windows, identified as the 'CAPELA' (chapel). A white curved line highlights the boundary between the two buildings. The estate is surrounded by lush green trees and vegetation. In the foreground, there are some utility poles and wires. The entire image has a blue-toned overlay.

E

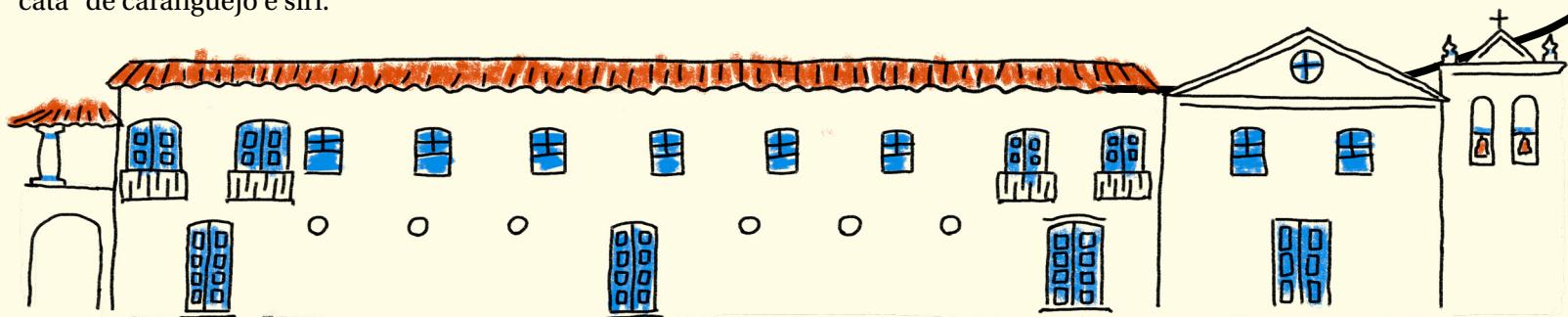
CAPELA

# A

primeira casa de vivenda da Fazenda do Iguaçu, ou **CASARÃO**, como é chamado informalmente, foi construída por **CRISTÓVÃO MONTEIRO** em 1567.

Era uma edificação de grande porte, provavelmente de pau a pique, térrea e com telhas.

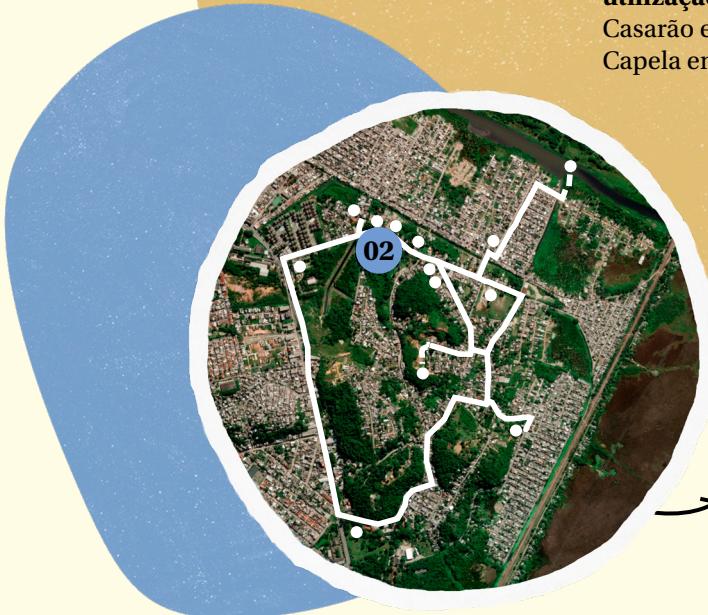
Entre 1591 e 1922, a Fazenda do Iguaçu foi propriedade da Ordem dos **BENEDITINOS**, que a adquiriram através de acordos, compras e doações. Ao longo do tempo, eles foram movendo as fronteiras da propriedade através de novas compras, doações e permutas. Boa parte das terras foi arrendada pela Ordem. Nessa época, as atividades da fazenda eram voltadas para a produção de cal de marisco, açúcar, aguardente, farinha, arroz, sabão, carvão, anil; bem como para atividades de pesca, coleta de frutos do mar e “cata” de caranguejo e siri.



**construção e intervenções**  
Séculos XVI, XVII e XVIII

**utilização original**  
Casa de vivenda e capela da Fazenda do Iguaçu

**utilização atual**  
Casarão em reforma e Capela em funcionamento



## **CRISTÓVÃO MONTEIRO**

era um rico cavaleiro da Casa Real Portuguesa e Ouvidor-mor da Câmara do Rio de Janeiro, entre 1568 e 1572. Nessa função, era responsável pelas questões jurídicas e pela aplicação da lei portuguesa na Colônia. Na hierarquia de mando colonial, sua posição estava abaixo apenas do Governador.

Em 1565, as terras que viriam a ser a Fazenda do Iguaçu foram doadas como **SESMARIA** pela Coroa portuguesa a Cristóvão Monteiro. O território era, até então, ocupado pelos povos originários, mas esses foram expropriados pelos portugueses após a **Guerra dos Tamoios**, primeiro grande movimento de resistência tupinambá contra a invasão portuguesa. A doação era uma espécie de pagamento da dívida pelos préstimos de Monteiro à Coroa, oriundos da sua participação no desbravamento da colonização em São Vicente/ São Paulo, e pela conquista do Rio de Janeiro.



→ Imagem de  
São Bento da Capela,  
Séc. XVII-XVIII

Nos séculos XVII e XVIII, os beneditinos fizeram reformas e ampliaram o Casarão. Na parte superior, acessada por uma escada de madeira, foram construídos os quartos ou celas para os monges, uma biblioteca, um corredor e um varandão voltado para a Baía de Guanabara. No térreo, ficavam o refeitório, a cozinha com fogão à lenha, espaços para armazenamento de alimentos de consumo interno e ferramentas de trabalho.

## **SESMARIA**

são terras entregues a um beneficiário, em nome do rei de Portugal, com a exigência de ocupá-las e torná-las produtivas.



→ Monges beneditinos em frente ao Casarão, 1918

## **BENEDITINOS**

Ordem religiosa católica iniciada na Itália no ano de 529 que, na América portuguesa, durante o período colonial, possuía diversas propriedades rurais movimentadas pelo trabalho de africanos escravizados. Possuía também grande prestígio e influência política. Tinha como principal objetivo a educação religiosa que ocorria em suas propriedades: mosteiros, engenhos e fazendas.



→ Casarão

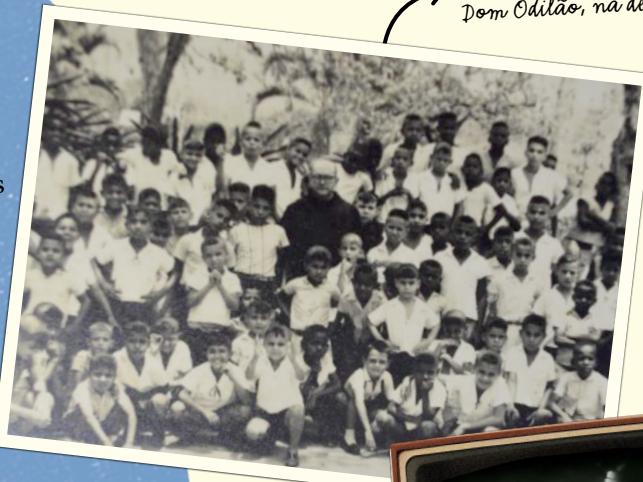
## PATRONATO SÃO BENTO

Em 1955, na Fazenda do Iguaçu, foi fundada a Associação Beneficente de Menores (ABM), uma instituição particular que tinha por finalidade prestar serviços gratuitos e de assistência a meninos menores desamparados e considerados, à época, desajustados.

O desenvolvimento dos trabalhos da instituição levaram o monge beneditino Dom Odilão Moura a captar recursos para criação do Patronato São Bento, a ser instalado no Casarão. Por se tratar de uma edificação tombada, a reforma realizada precisou preservar sua integridade arquitetônica. Foi instalado: refeitório, cozinha, sanitários, esgoto e rede elétrica, além de uma cerca no terreno, de modo a dividir áreas para a horticultura, pomar, recreio e campos esportivos. O Patronato iniciou suas atividades em 1959.

Entre as funções do Patronato, estava a educação dos filhos de pequenos agricultores, em regime interno. Ali, aprendiam as primeiras letras e também sobre o trato da terra e a criação de animais. Em 1969, a partir de um convênio com a Fundação Fluminense de Bem-Estar do Menor (Flubem), e em 1970, com a Fundação de Bem-Estar do Menor (Funabem), o patronato passou a atender crianças encaminhadas por essas instituições.

O Patronato continuou em funcionamento até a década de 1980. Por sua vez, a ABM existiu até 1989, quando se transformou na Ação Social Paulo XVI (Aspas). Essa instituição hoje é responsável pela gestão da **CASA DE RETIRO**.



Crianças do Patronato e  
Dom Odilão, na década de 1950

Na segunda metade

do séc. xx, o Casarão  
passou a abrigar o

## PATRONATO SÃO BENTO.

Atualmente, sob os cuidados da Diocese de Duque de Caxias, o prédio encontra-se em um demorado processo de reforma.



Cena do filme  
*Coração materno*

## FILME CORAÇÃO MATERNO

Em 1951, foi lançado o filme Coração Materno, que é dirigido e roteirizado por Gilda de Abreu, que também protagoniza o filme ao lado de seu marido Vicente Celestino. Grande parte das filmagens foi realizada na sede gleba do Núcleo Colonial São Bento, principalmente no Casarão e na Capela. O filme conta ainda com um elenco de crianças e colonos do núcleo.



Escola Federal Odilon Braga/Casa de Retiro



### NÚCLEO DE MEMÓRIA DO MIGRANTE NORDESTINO

foi criado em 2010 por Maria do Socorro dos Santos Andrade, e, inicialmente, instalado na Comunidade São João Batista, na Vila do Rosário. O núcleo busca a valorização da cultura nordestina através da apresentação de um acervo formado por doações de famílias de origem nordestina residentes no entorno.

Representação de Maria Bonita no espaço do Núcleo de Memória do Migrante Nordestino



### CASA DE RETIRO

Na mesma área do complexo Casarão e Capela encontra-se uma edificação, que foi construída pelo Ministério da Agricultura em 1946, a fim de abrigar a **Escola Federal Odilon Braga**. O nome da escola é uma homenagem ao então Ministro da Agricultura Odilon Duarte Braga. A escola foi criada para atender os filhos dos colonos e acabou recebendo também os meninos do **Patronato São Bento**. Após o fim do Núcleo Colonial, a edificação foi cedida para a Diocese de Duque de Caxias, a fim de ampliar a ação do Patronato.

Em 1985, ainda sob a gestão da Diocese, o prédio se tornou **Casa de Retiro São Francisco de Assis**, um espaço para a realização de atividades como退iros, reuniões e seminários. Além disso, o espaço abrigou, entre 2006 e 2016, um Polo da PUC-Rio e, em suas dependências, podem ser visitadas duas exposições do MVSB que apresentam a história da Fazenda do Iguaçu e do seu entorno. Desde 2022 também abriga o **NÚCLEO DE MEMÓRIA DO MIGRANTE NORDESTINO**.

Imagem  
de Nossa  
Senhora  
do Rosário  
da Capela,  
Séc. XVIII



**J**unto ao casarão destaca-se a **CAPELA**. Com características de uma capela de fazenda, o prédio foi construído em 1645 em devoção a Nossa Senhora do Aguassu das Candeias, sendo esta a padroeira da fazenda até 1695. Nessa época, o abade Frei João Santana Monteiro erigiu a irmandade do Rosário dos Pretos na fazenda, e a devoção da Capela passou a receber a denominação de **Nossa Senhora do Rosário dos Homens de Cor**. A Capela era integrada à matriz do Mosteiro de São Bento e à capela filial da matriz paroquial da Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga.

*Ao lado, é possível ver o interior da Capela em diferentes tempos: em 1922 (acima), em 2011 (abaixo) e 2018 (página dupla).*





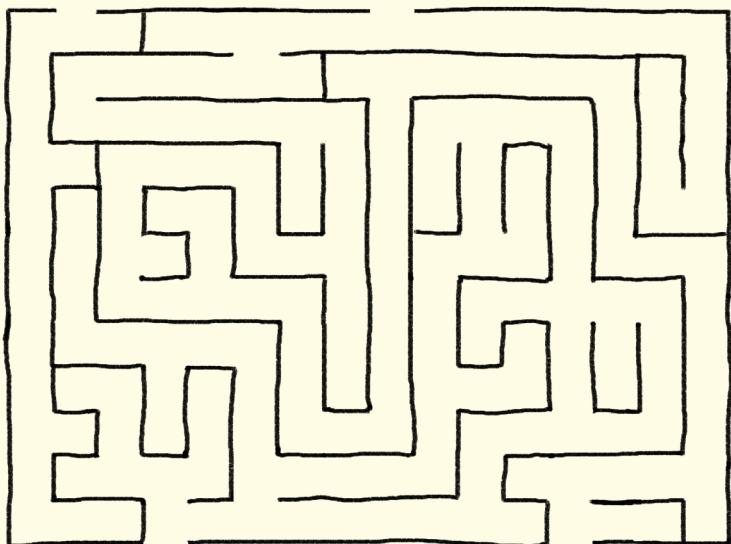
## IGREJA DO PILAR

Nas mediações da antiga Fazenda do Iguassú está localizada a Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Pilar, um bem tombado como patrimônio histórico nacional desde 1938. O atual prédio foi erguido em 1720, após a abertura do caminho novo do ouro, por Garcia Paes, e instalada no antigo porto de Pilar do Aguassú. Era a sede religiosa da Paróquia e a sede administrativa da Freguesia de Nossa Senhora do Pilar do Aguassú, uma das mais ricas e importantes freguesias da Baía de Guanabara durante os séculos XVIII e XIX.



O Casarão da Fazenda do Iguaçu é um dos poucos exemplares da arquitetura colonial situado no Recôncavo da Guanabara, assim como a Capela é um raro exemplar da arquitetura religiosa barroca nessas cercanias. Ambas as construções foram tombadas pelo Iphan em 1957 e, atualmente, se encontram sob os cuidados e a gestão da Diocese de Duque de Caxias.

Um visitante quer ir da Capela até a Igreja do Pilar. Ajude-o a encontrar o caminho.



03.



TULHA A



Localização  
da Tulha A no  
percurso do MVSB

**TULHA**  
é simplesmente uma  
edificação destinada  
ao armazenamento  
de materiais. Vários  
pontos do percurso  
do MVSB tiveram,  
em algum momento,  
essa função.

#### construção

Entre o final do séc. XIX  
e o início do séc. XX

#### utilização original

Armazenamento, secagem  
e beneficiamento de arroz

#### utilização atual

Depósito de artefatos de  
concreto da Secretaria  
Municipal de Obras

**S**

ituada em frente à casa de vivenda da Fazenda do Iguaçu (Casarão), a **TULHA A** é composta por duas edificações. Uma mais ampla, construída pelos beneditinos e considerada a principal, e outra menor, anexada a ela. Servia para armazenamento da produção, secagem e beneficiamento do arroz, bem como para abrigar carruagens, carros de boi e ferramentas.

Durante a instalação do Núcleo Colonial São Bento, foi reformada e ampliada, ganhando suas feições arquitetônicas atuais. Nesse período, além do armazenamento da produção do núcleo, também era utilizada para guardar maquinários e ferramentas. Após a extinção do núcleo, em 1961, foi cedida para a prefeitura de Duque de Caxias, passando a ser utilizada pela Secretaria de Obras do município como fábrica de artefatos de concreto.



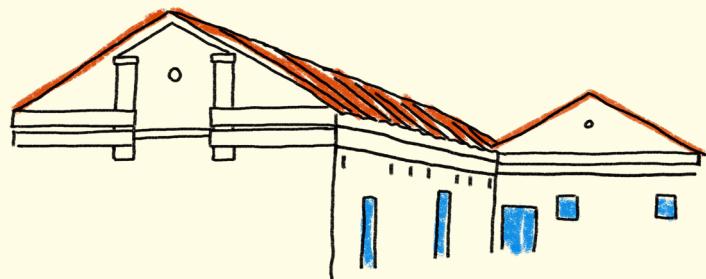
Carros e  
maquinário  
agrícola no  
interior da  
Tulha A em  
1922



Tulha Anexa em 2022, após o desabamento dos telhados



Em 2008, as edificações foram oficialmente incorporadas ao plano estratégico de uso cultural dos espaços sob a gestão do Museu Vivo do São Bento. Esse plano destina o prédio para o projeto “Armazém Cultural”, com o propósito de ser local para a realização de espetáculos culturais, com área de palco externo e espaços internos divididos em sala de aula de teatro, sala de cinema, café literário e espaços para exposições.



Em 2019 o telhado da tulha principal desabou. E, embora o MVSB tenha empreendido esforços na tentativa de garantir a manutenção desse espaço, não obteve êxito, e o mesmo ocorreu com a pequena tulha anexa em 2022.

04.



FARMÁCIA



Inicialmente, a edificação funcionou como mais uma tulha para o armazenamento da produção da Fazenda do Iguaçu. Ela se destaca das outras tulhas por possuir três pavimentos, sendo um deles no subsolo. Até o momento não se sabe se já foi construída dessa forma ou se houve uma adaptação posterior.

No início do século XX, foi transformada em Posto de Profilaxia para prevenção e combate das endemias rurais, principalmente da malária. Nesse posto, funcionava uma **FARMÁCIA** de manipulação, principalmente de quinino, medicamento utilizado no combate à malária. Durante a existência do Núcleo Colonial, permaneceu como farmácia de manipulação e posto médico com atendimento dentário 24 horas. A edificação funcionava também como residência para os médicos durante os plantões.



#### construção

Entre o final do séc. XIX e o início do séc. XX

#### utilização original

Armazenamento da produção

#### utilização atual

Aguardando reforma.  
Futuro Museu da História da Educação da Cidade de Duque de Caxias

Em 1957, a edificação foi incluída, pelo Iphan, no raio de tombamento do complexo Casarão e Capela.

Após a extinção do Núcleo Colonial, passou a funcionar como uma extensão do Patronato São Bento, onde eram oferecidos cursos profissionalizantes para os menores que residiam no internato. A partir das décadas de 1970, já sob a administração municipal, abrigou projetos de acolhimento e recuperação de jovens em situação de risco (Centro Social Renascer/Reviver), que funcionaram no espaço até a década de 1990.

Assim como a tulha A, em 2008, esse imóvel foi incorporado ao plano estratégico de uso cultural dos espaços sob a gestão do Museu Vivo do São Bento. De acordo com esse plano, pretende-se que o local passe a abrigar o Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias (Cepemhed) e o Museu da História da Educação da Cidade de Duque de Caxias.



### REISADO FLOR DO ORIENTE

Atualmente, no muro da Farmácia há um mural em grafite, criado pelos artistas Rodrigo Maisalto da BF e Klebert Black, em homenagem ao Reisado Flor do Oriente. No mural, foram representados todos os principais ancestrais do reisado e as lideranças atuais (mestres e alferes).

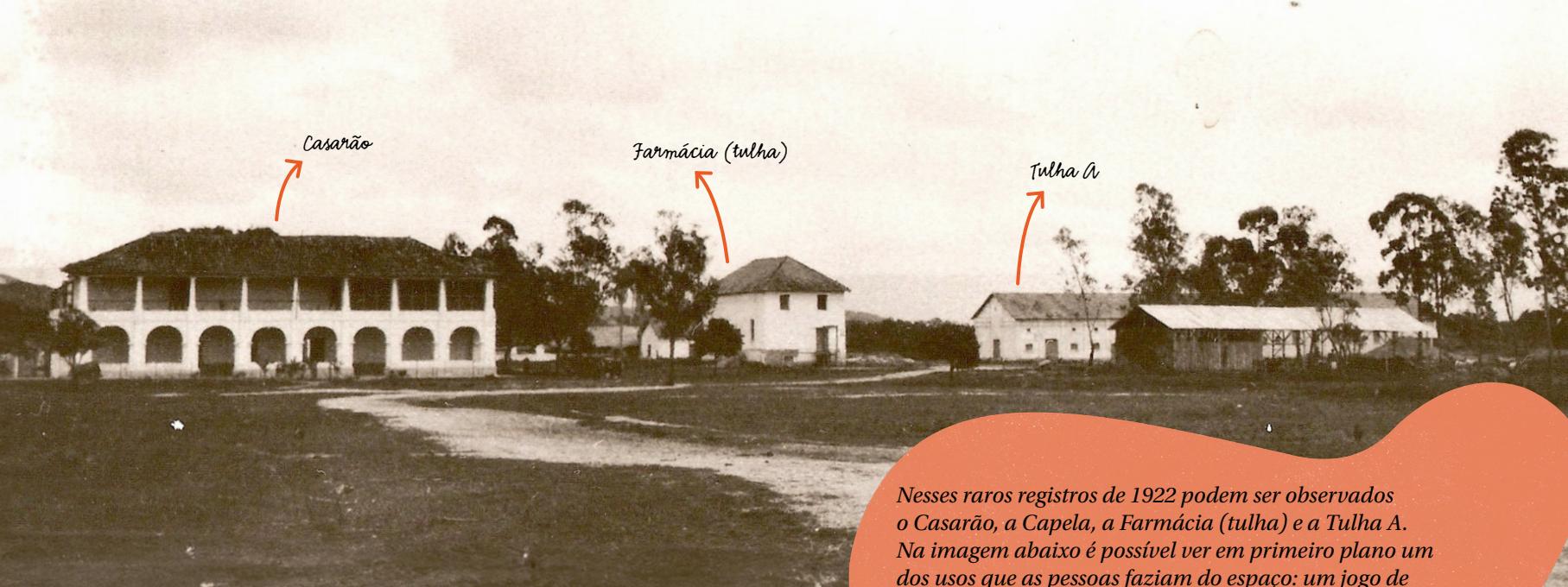
A Folia de Reis é uma festa de tradição popular católica, que acontece entre os dias 24 de dezembro, véspera de Natal, e 6 de janeiro, Dia de Reis. A visita dos reis magos ao menino Jesus é festejada com música, orações e um ritual que envolve personagens (como o mestre, o palhaço e o alferes), uniformes (diferentes para cada personagem) e acessórios específicos, sendo a bandeira o mais importante.

Atualmente sediado na Vila Rosário, em Duque de Caxias, o Reisado Flor do Oriente foi fundado em 1872, em Minas Gerais, e é um dos mais antigos do Brasil em atividade. Em 2016 foi tombado como Patrimônio Cultural e Imaterial do município.

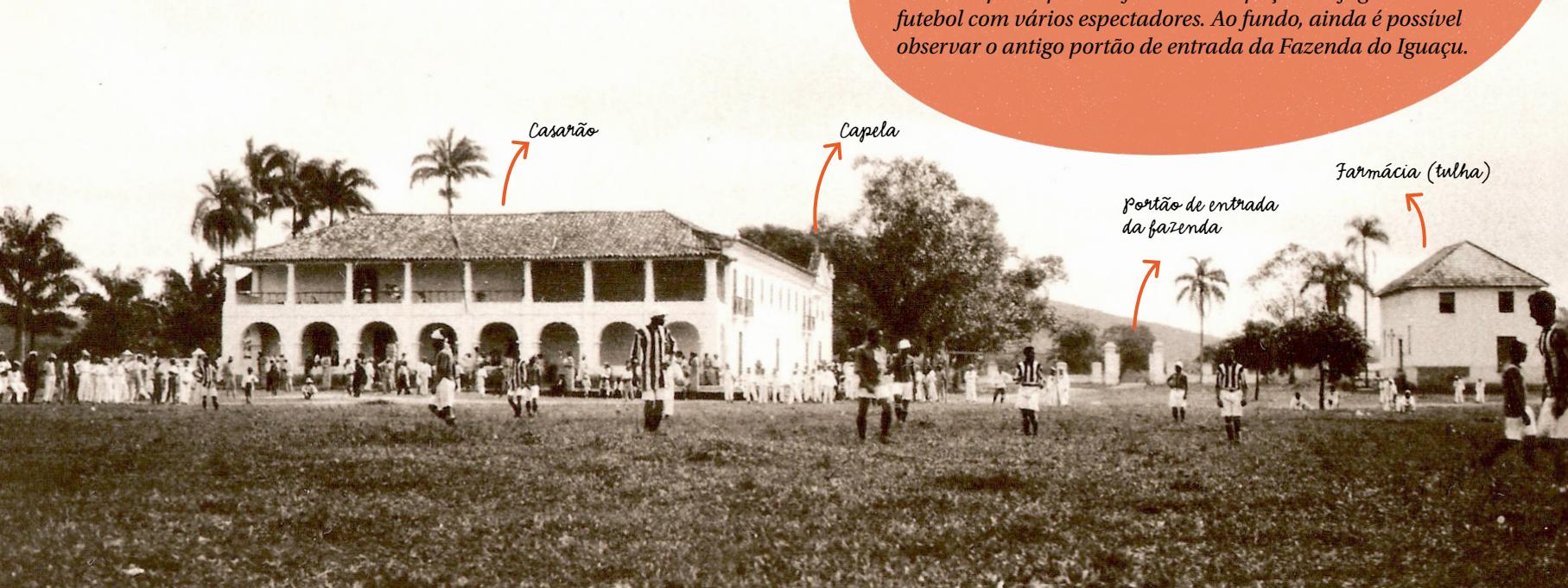
Nas instalações da Casa de Retiro também é possível encontrar uma pequena mostra do acervo, com bandeira, vestuário e instrumentos musicais do reisado.



Palhaço do Reisado Flor do Oriente



Nesses raros registros de 1922 podem ser observados o Casarão, a Capela, a Farmácia (tulha) e a Tulha A. Na imagem abaixo é possível ver em primeiro plano um dos usos que as pessoas faziam do espaço: um jogo de futebol com vários espectadores. Ao fundo, ainda é possível observar o antigo portão de entrada da Fazenda do Iguaçu.



05.

TELÉGRAFO

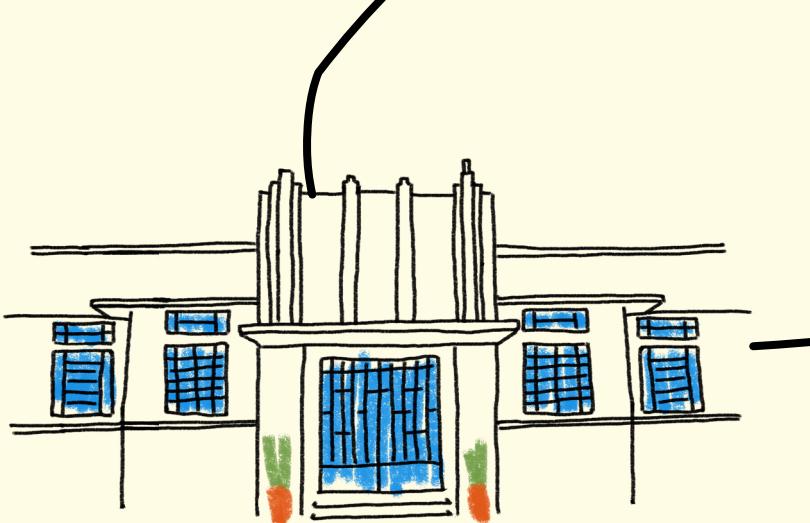


Localização  
do Telegrafo  
no percurso  
do MVB

**construção**  
1935

**utilização original**  
Estação Rádio Receptora  
do Departamento de  
Correios e Telégrafos

**utilização atual**  
Uso particular



**L**onstruída pelo governo federal,  
a edificação tinha por objetivo  
abrigar a Estação Rádio Receptora  
do Departamento de Correios e  
**TELÉGRAFOS** (DCT) no Núcleo  
Colonial São Bento.

A Rádio Receptora, assim como a Rádio Transmissora, era muito importante para a segurança nacional. Dessa forma, qualquer conturbação no panorama político ou social do país era motivo para que o governo enviasse tropas do Exército até essas duas repartições do DCT. Esta medida visava impedir que as comunicações fossem interrompidas por possíveis atentados ou sabotagens.

Segundo o pesquisador Rogério Torres, existe um relato de João do Caio, funcionário do Ministério da Agricultura, dizendo que os moradores do Núcleo Colonial foram os primeiros brasileiros a saber do término da Segunda Guerra Mundial, isso porque teriam sido informados pelos rádiotelegrafistas assim que a notícia foi transmitida por **CÓDIGO MORSE**.

Atualmente, o prédio é residência particular de um funcionário dos Correios.

#### CORREIOS

O serviço postal no Brasil iniciou em 1663, com a criação do cargo de Correios-Mor, como era chamado o carteiro à época. Por sua vez, a primeira transmissão telegráfica oficial no país foi realizada em 1852, no Rio de Janeiro. Correios e Telégrafos eram serviços distintos até 1931, quando foram unidos em um único órgão, dando origem ao Departamento de Correios e Telégrafos (DCT). O departamento funcionou até 1969, quando a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) foi criada, substituindo o DCT. O objetivo era a diversificação dos serviços postais do país. Hoje, a ECT atua nas áreas de comunicação, transporte e logística, com presença em todo o território nacional.

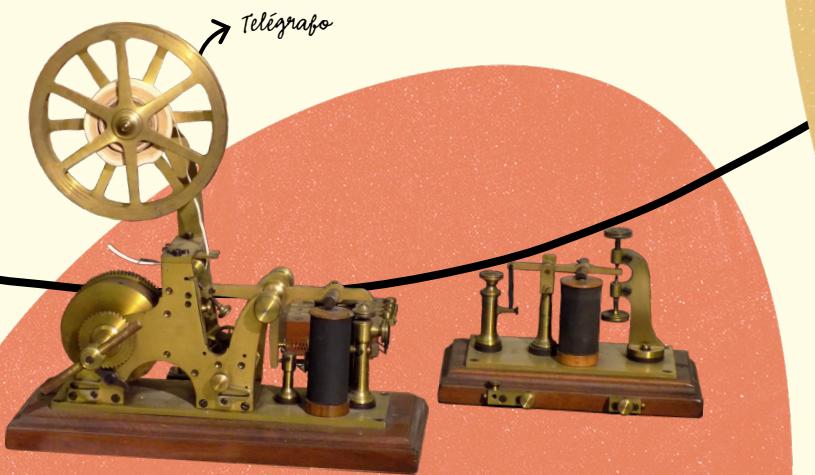


“

O que vi naquela manhã era completamente diferente do que vira e vivera até então. Tudo me parecia sem limites, o quintal, as terras da Estação Rádio Receptora, toda espetada com antenas para captar os sinais de ondas curtas que nos ligavam com o mundo. Até um rio eu tinha a minha disposição, com peixes e “frangos d’água”. São Bento, pelos idos dos anos 1950, guardava alguns vestígios dos tempos em que a caça e a pesca ainda testemunhavam um passado de abundância, ecologicamente quase correto. O Núcleo Colonial possuía ainda muitos pássaros, tatus, alguns jacarés, bastante preás, cobras, muitos morcegos e uma variedade incrível de insetos. Quando seu Abílio varria as calçadas da rádio, recolhia dezenas de besouros, de todos os tipos e tamanhos. Ali tudo era diferente dos demais lugares que eu tinha visto até então, um verdadeiro paraíso. Muito verde, árvores frutíferas, gado pastando juntinho de nossa casa, o Rio Iguaçu, que passava a poucos metros do fundo de nosso quintal. Tudo com dois aromas especiais: do mato e do gado que era criado por seu Abílio, um pernambucano magrinho, de pele muito branca e que era o servente da rádio.

*Rogério Torres, em relato de seu livro Caxias de Antigamente.*

”



### TELÉGRAFO

é um equipamento de comunicação de longa distância, inventado em 1837 por um pintor chamado Samuel Morse. A mensagem codificada é enviada por sinais elétricos e impressa pelo receptor. O código utilizado se chama **morse** em homenagem ao inventor, e consiste na associação dos números e letras do alfabeto a um sistema de pontos e traços. A simplicidade da linguagem permite que também seja utilizada de outras formas, como sinais sonoros e luminosos, curtos e longos.

### O CÓDIGO MORSE

A · -	J · · · -	S · ·	2 · · · · -
B · · ·	K - · -	T -	3 · · · -
C · - -	L · · -	U · - -	4 · · - -
D · - -	M - -	V · · - -	5 · - - -
E ·	N - -	W · - -	6 - - - -
F · - - -	O - - -	X - - -	7 - - - -
G - - -	P · - -	Y - - - -	8 - - - - -
H · · ·	Q - - -	Z - - - -	9 - - - - - -
I · ·	R - - -	1 · - - - -	0 - - - - - -

Exemplo: “SOS” fica · · · - - - · · ·

Agora é a sua vez.

Consegue desvendar a mensagem abaixo?

··· - - · · · -  
··· - - · - - - - - - - -  
- - - - - - - - - - - - - -  
- - - - - - - - - - - - - -  
- - - - - - - - - - - - - -  
- - - - - - - - - - - - - -  
- - - - - - - - - - - - - -



06.

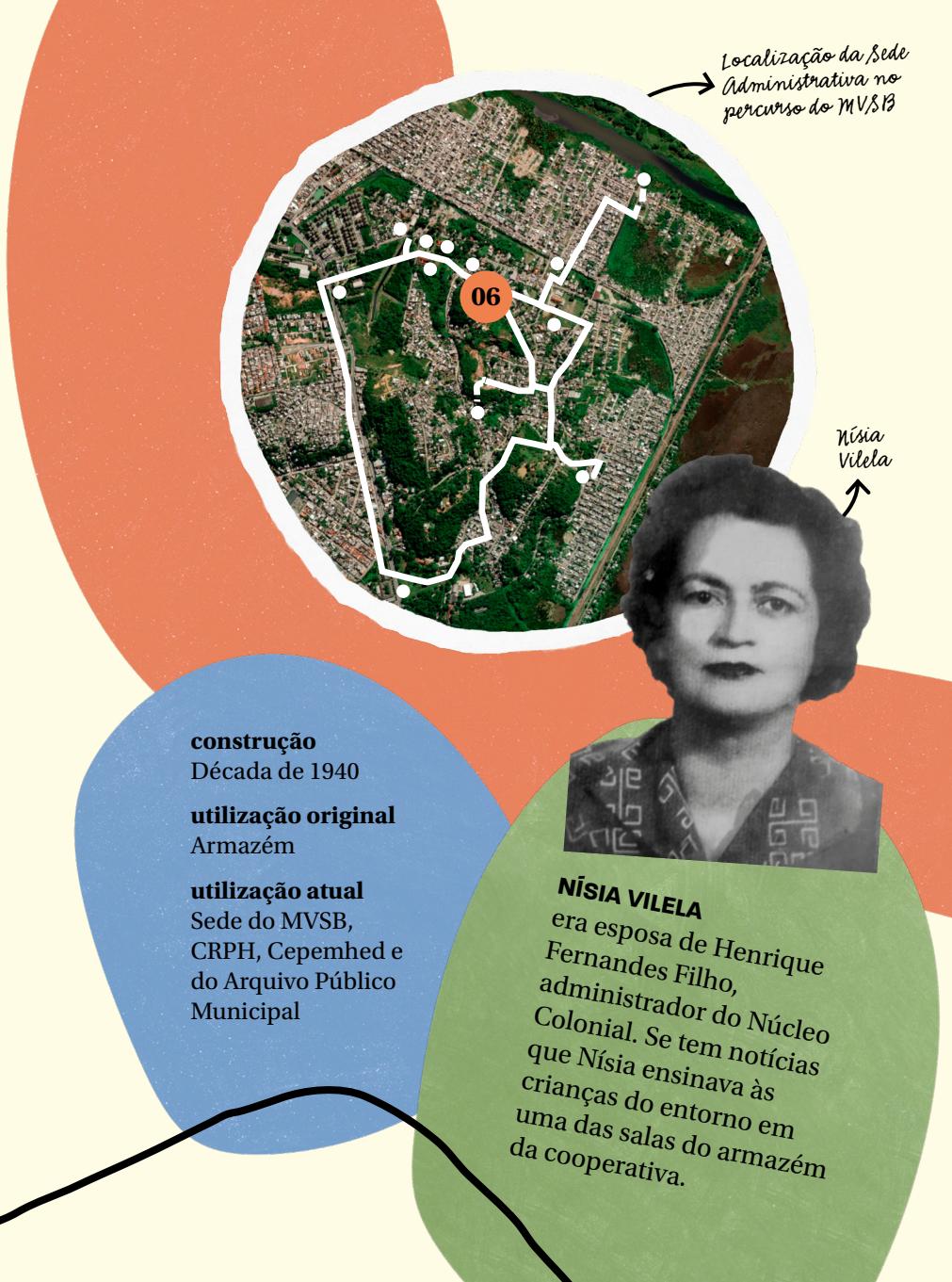
SEDE

ADMINISTRATIVA

**N**a década de 1940, mais de meio século antes de se tornar **SEDE ADMINISTRATIVA** do MVSB, essa edificação foi construída pelo Ministério da Agricultura para ser o hospital do Núcleo Colonial, o que não aconteceu devido às necessidades da época. O prédio acabou servindo como armazém popular, abrigando a Sociedade Cooperativa Mista do Núcleo Colonial São Bento e escoando a produção das cooperativas dos colonos do núcleo.

Nessa época, situada próxima ao Casarão, ficava a **Escola Federal Odilon Braga**, que atendia filhos de colonos e crianças do Patronato São Bento. Mais tarde, o ministério extinguiu esta escola e disponibilizou o prédio para abrigar outras duas: a Escola Municipal Patronato São Bento e o Grupo Escolar Odilon Braga, de forma a continuar atendendo, tanto as crianças do patronato, quanto os filhos dos colonos.

Após o fim do núcleo, a Escola Municipal Patronato São Bento foi transferida para o antigo armazém das cooperativas e recebeu o nome de **Escola Municipal NÍSIA VILELA FERNANDES**. Por sua vez, o Grupo Escolar Odilon Braga foi transferido para o bairro Sarapuí e passou a se chamar Grupo Escolar São Bento.



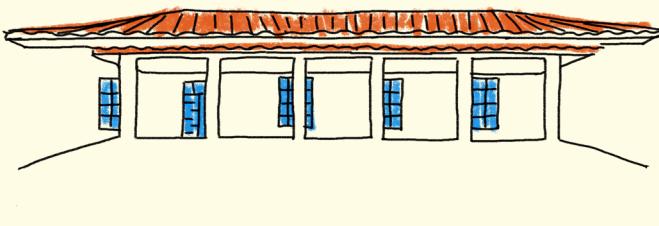


Grupo de escoteiros  
em 1964

### ESCOTEIROS

O prédio da sede administrativa também abriga o **37º Grupo Escoteiro Fernão Dias Paes Leme**. O grupo foi criado no bairro de São Bento em 1964 por Baltazar Paulino Ribeiro, com a missão de contribuir para a educação não formal de crianças, adolescentes e jovens.

O grupo possui acesso próprio ao prédio através da rua Amélia Vieira do Nascimento, funcionando de forma independente ao Museu.



Os escoteiros tem muitas atividades e precisam identificar animais da fauna local.

Você pode ajudá-los?

**TATU, CAPIVARA, TAMANDUÁ, ANTA, PREGUIÇA, GOLFINHO, SARACURA, ARARA, JACARÉ, TARTARUGA, CORUJA, COBRA CORAL, JAGUATIRICA, CUTIA, AZULÃO E GAMBÁ.**

A	H	U	K	N	N	O	Y	I	G	O	L	F	I	N	H	O
G	C	U	T	I	A	P	D	C	S	A	Y	U	I	N	L	M
B	G	F	C	L	T	G	Y	P	O	L	M	T	A	T	U	R
C	R	E	U	S	D	Y	V	C	X	R	T	Y	N	I	Q	H
P	L	Z	J	N	B	V	T	G	O	A	U	F	T	A	T	N
K	A	L	H	T	R	F	V	D	P	O	L	J	A	R	N	U
E	V	J	K	A	G	C	P	A	Y	B	F	R	A	Y	Z	E
D	S	A	T	R	E	C	G	B	L	M	N	H	F	T	I	B
O	P	E	D	T	J	U	R	M	F	C	G	Z	B	M	A	C
L	T	A	M	A	N	D	U	A	G	T	A	J	O	M	E	O
N	B	V	T	R	O	J	P	G	D	R	A	Z	R	Y	F	B
P	H	F	D	U	P	L	M	N	P	G	H	B	P	C	E	R
R	U	J	F	G	S	P	L	M	U	V	T	G	R	W	S	A
E	I	A	P	A	T	R	V	A	J	L	M	D	E	E	R	C
G	B	R	I	O	P	L	T	V	C	A	R	T	O	D	G	O
U	W	U	O	P	L	I	G	D	C	R	T	U	I	M	B	R
I	F	C	P	O	R	M	B	E	R	A	C	A	J	C	X	A
C	M	A	I	I	P	G	A	S	F	R	Z	O	U	Y	I	L
A	P	R	C	B	N	T	R	L	M	A	I	O	E	S	L	J
V	C	A	P	I	V	A	R	A	P	B	M	V	R	T	S	I
I	O	S	D	E	Y	G	B	Z	J	M	T	P	O	L	A	Z

Em 2003, a Escola Municipal Nísia Vilela foi transferida para um novo prédio, construído especificamente para este fim, situado ao lado da antiga Feuduc. O antigo prédio ficou fechado até 2011, quando passou a abrigar as instâncias administrativas do Museu Vivo do São Bento (MVSB), do **CRPH**, do **CEPEMHED** e do Arquivo Público Municipal. Também passou a guardar em suas paredes e ambientes internos, através de imagens, objetos e símbolos, inúmeras referências da história, cultura e patrimônio da cidade de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense.

Esse é o principal espaço de atividades do MVSB, onde são realizados os programas de mulheres artesãs, capoeira, jovens agentes do patrimônio, formação continuada de professores, além de ser palco de palestras, cineclubes e exposições.

#### **CRPH E CEPEMHED**

O Centro de Referência Patrimonial e Histórico do Município de Duque de Caxias (CRPH) e o Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense (Cepemhed) foram criados em 2005 e, assim como o MVSB, estão vinculados à Secretaria de Educação de Duque de Caxias. A criação desses dois centros está ligada à reivindicação de espaços públicos que garantissem a pesquisa e a preservação da história da cidade e da Baixada Fluminense, bem como a formação continuada de professores, realizada pelos profissionais da educação da rede pública municipal.

Hoje, entre as atribuições do CRPH, está o trabalho desenvolvido pelo MVSB. Por sua vez, as atribuições do Cepemhed incluem a gestão do futuro Museu da História da Educação da Cidade de Duque de Caxias.



07.

CASA

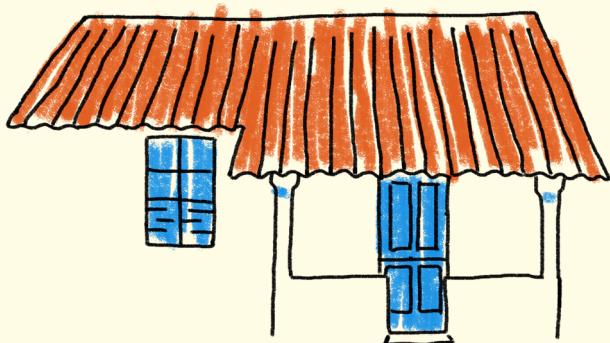
DO

COLONO



# Q

uando o território da Fazenda do Iguaçu foi transformado em Núcleo Colonial, em 1932, as antigas senzalas e as casas dos trabalhadores rurais que serviram aos beneditinos foram transformadas em **CASAS DE COLONOS** e de funcionários do Ministério da Agricultura. Outras residências e edificações foram adaptadas para armazenamento da produção, oficinas mecânicas e espaços de pesquisa e assistência médica.



## construção

1939

## utilização original

Moradia de colono

## utilização atual

Uso particular



Localização da  
Casa do Colono no  
percurso do MVSB

Em 1939, ainda foram construídas pelo Ministério da Agricultura, 5 casas para funcionários, 40 casas para trabalhadores, um alojamento para operários solteiros (Esporte Clube) e 50 casas para colonos.

Entre 1940 e 1960, várias outras casas de colonos foram construídas no território do Núcleo Colonial. Essas residências formavam um conjunto padronizado, desprovidas de cercas, pintadas de branco e azul, e dispunham de cômodos com dimensões modestas, divididos em uma pequena varanda frontal, sala, dois quartos e cozinha, que originalmente, tinha um fogão a lenha. Quando o núcleo foi extinto, em 1961, os moradores permaneceram nas residências e, com o passar do tempo, as casas foram sendo modificadas.

### **COLONOS**

eram migrantes provenientes de diversas partes do Brasil e imigrantes alemães, portugueses e suecos, além de uma colônia japonesa com mais de 80 famílias. Ao chegarem ao Núcleo Colonial, passavam por exames médicos e, em seguida, recebiam uma casa e um lote de terra. Segundo memórias de antigos colonos, parte da produção era destinada a eles, como um litro de leite por dia e hortaliças duas vezes por semana. Também era oferecido atendimento médico, remédios, escola para as crianças, sementes e instrumentos de trabalho. Aos sábados, toda a produção era levada para feiras de Copacabana, São Cristóvão, Santo Cristo, entre outras.

Ainda hoje é possível identificar diversas dessas casas no território do MVS, inclusive algumas que preservam a arquitetura original.

Para salvaguardar a memória desses modos de vida e das moradias desses colonos, o plano estratégico de uso cultural dos espaços sob a gestão do Museu Vivo do São Bento previu a desapropriação de uma dessas casas de colonos. O processo de desapropriação iniciado em 2010, ainda não foi concluído.



*Família de colonos de origem japonesa na década de 1950*



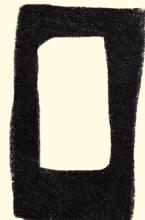
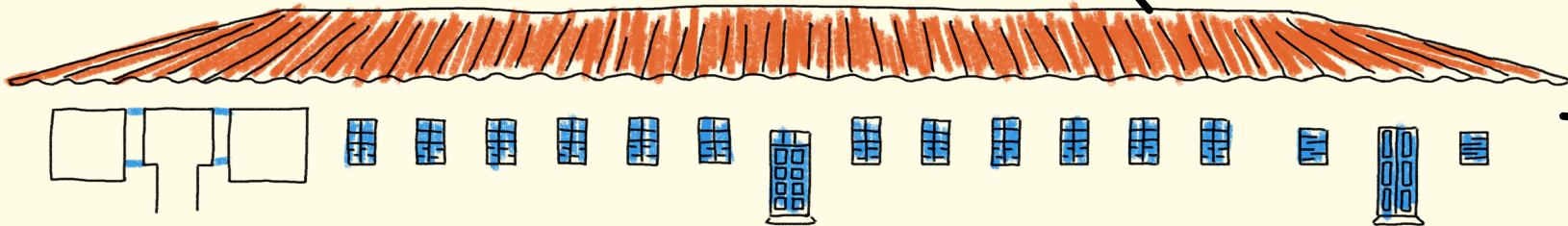
Série de casas de colonos do  
Núcleo Colonial São Bento.

08.



ESPORTE

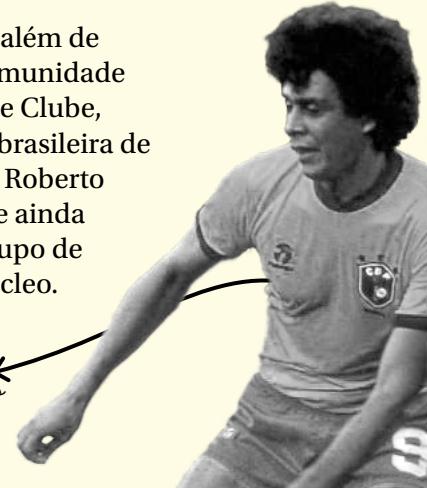
CLUBE



prédio construído em 1939 funcionou inicialmente como alojamento coletivo para os colonos solteiros do Núcleo Colonial São Bento. Eles construíram ao lado do prédio um campo de futebol, que era a animação do lugar nos fins de semana. Em 1948, suas instalações foram ampliadas e instituiu-se o **ESPORTE CLUBE** São Bento para servir de área de lazer da comunidade. Ao longo das décadas, o espaço abrigou reuniões políticas, festas de casamento, bailes de carnaval, festas juninas, eventos sociais e exibições de filmes.

Em seu campo de futebol, além de jogadores amadores da comunidade e atletas do próprio Esporte Clube, jogaram astros da seleção brasileira de futebol, como Garrincha e Roberto Dinamite, cuja família, que ainda vive no bairro, integra o grupo de moradores originais do núcleo.

*Roberto Dinamite, jogando pela seleção brasileira em 1984*





“

A maior diversão mesmo era o futebol. No início não tinha ainda o clube, era uma cerca e o campinho, mas vinham pessoas de outros lugares para jogar e torcer. Era uma animação. Depois é que veio o clube em 1948, no período da administração do Dr. José Henrique Fernandes Filho.

Brincava-se muito também no carnaval e, para os bailes, o administrador mandava apanhar as moças e os rapazes no caminhão para levá-los ao clube e depois, pela manhã, o motorista levava todos de volta para casa.

*Delphina de Oliveira Mendes,  
moradora do bairro de São Bento.*

Fotos de um baile de carnaval realizado no Esporte Clube, na década de 1950, que foram guardadas no álbum de família de Teresa Senna, a rainha do carnaval.

”

O esporte clube continua a funcionar até os dias de hoje, porém de forma bem mais precária, ficando aberto ao público apenas nos fins de semana. Há pouco tempo funcionava no espaço uma escolinha de futebol, no entanto, o projeto foi descontinuado por falta de recursos.



## ORKESTRA POPULAR BARRACÃO

Localizado no caminho entre o Esporte Clube e o Sambaqui, o Barracão é mais um espaço cultural no entorno do MVSB. Foi criado em 2017 pelo músico e professor Victor Bruno Barbosa dos Santos, que desejava alinhar educação, música e sua experiência no **TERREIRO ILÊ AXÉ ODÉ ORAN CARUANÃ**, de mãe Gilda de Odé, de quem é neto carnal e filho de santo. O projeto começou a funcionar no próprio espaço do terreiro na forma de um curso livre de educação musical criativa e coletiva, e ficou conhecido como Escola de Música Barracão São Bento.

A partir de então, o Barracão passou a se apresentar em diversos locais da Baixada Fluminense e do Rio de Janeiro, inclusive no MVSB. Em suas apresentações, o grupo mistura instrumentos como flauta, saxofone, agogô e atabaque, transitando por diferentes gêneros musicais como as cantigas de terreiro, funk, jazz, afrobeat, rock e reggae.

Em 2021, o projeto conseguiu reunir recursos suficientes para construir uma sede própria em um terreno anexo ao terreiro e, em 2023, foi renomeado como **Orkestra Popular Barracão (OPB)**.

Orkestra Popular Barracão



## TERREIRO ILÊ AXÉ ODÉ ORAN CARUANÃ

O terreiro foi instalado em São Bento por mãe Gilda de Odé na década de 1990. Mãe Gilda é filha de santo de Aumirê de Santa Cruz da Serra e neta de santo de Gisèle Cossard (Mãe de santo Omindarewá), que foi iniciada por **JOÃOZINHO DA GOMEIA**.

Nos bairros do entorno do MVSB ainda é possível encontrar outros importantes terreiros, como o do **Pai Cristóvão do Pantanal** (1902 - 1985), instalado no bairro Pantanal em 1947, e o do **Pai Valdomiro de Sàngô** (1928 - 2007), filho de santo de Pai Cristóvão, que se instalou no bairro Parque Fluminense na década de 1950.

Busto confeccionado por Osíias Casanova para o centenário de Joãozinho da Gomeia

## JOÃOZINHO DA GOMEIA

nasceu em 1914, na Bahia, e foi filho de santo de Jubiabá, conhecido pai de santo de Salvador. Em 1948, se mudou para o Rio de Janeiro e se instalou em Duque de Caxias. Acreditando ser filho de Yansã com Oxossi, dizia receber o Caboclo Pedra-Preta e, com isso, atraiu filhos de santo e seguidores de todo o país e do exterior. Ele é considerado um dos mais importantes pais de santo fluminenses, chegando a ser chamado de “rei do Candomblé do Rio de Janeiro”, tendo contribuído de forma determinante para a divulgação do candomblé. Suas festas, programas de rádio, composições musicais e shows no Cassino da Urca atraíam a atenção da mídia e mostravam a todo país a riqueza cultural das religiões de herança africana no Brasil.

Joãozinho da Gomeia morreu em 1971 e, em 2021, o seu terreiro, em Duque de Caxias, foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac).

09.

# SAMBAQUI

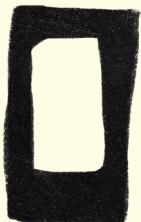




localização do  
Sambaqui no  
percurso do MVSB

### SAMBAQUI

é uma formação elevada, construída pelo ser humano ao longo do tempo, a partir do depósito de conchas e outros materiais. O nome foi utilizado pelos tupis que chegaram ao território entre 3 e 2 mil anos atrás para se referir aos povos das conchas. A palavra sambaqui, na língua tupi, significa “monte de conchas” ou “peito de moça”.



sítio arqueológico **SAMBAQUI** do São Bento é um vestígio das primeiras paisagens humanas instituídas no território fluminense pelos povos das conchas, os sambaquianos.

O sítio foi descoberto e registrado pelo Iphan em 1960; redescoberto por Marcelle Mandarino, aluna da Feuduc, em 2002; salvaguardado pelo Museu Vivo do São Bento através da campanha **SOS SAMBAQUI DO SÃO BENTO** entre 2007 e 2008; e escavado, como medida compensatória das obras do Arco Metropolitano, pelo Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) em 2010, transformado-se em Sítio Escola. Desde 2013 abriga uma exposição que pode ser visitada por todos que percorrem o percurso do MVSB.

### assentamento

Entre 4 e 5 mil anos  
antes do presente

### utilização original

Território sambaquiano

### utilização atual

Sítio Escola Sambaqui  
do São Bento



Almofariz  
encontrado  
no Sambaqui

### SOS SAMBAQUI DO SÃO BENTO

Após sua redescoberta, mesmo não apresentando uma estrutura adequada, o Sambaqui passou a ser ponto de visitação dos percursos históricos realizados no território. Sua localização, no entanto, estava no meio de uma área de ocupação no bairro de São Bento, onde novas casas rapidamente eram erguidas em loteamentos ilegais. Nesse ponto, foi organizada a **Campanha SOS Sambaqui do São Bento**, uma mobilização de professores em parceria com sindicatos para viabilizar a “compra simbólica” de um dos lotes onde estava o Sambaqui. A campanha foi um sucesso e garantiu a preservação do espaço até a institucionalização do Museu Vivo do São Bento, que tornou o Sambaqui um dos pontos do seu percurso.



Durante os séculos XVII e XVIII, as conchas encontradas nos sambaquis, juntamente com pedras, madeira e barro, faziam parte dos possíveis materiais utilizados na construção de edificações, como os casarões das fazendas e as capelas.

Nos séculos XVIII e XIX, a Fazenda do Iguaçu se dedicou à produção de cal de marisco, utilizando como matéria prima as conchas encontradas nos sambaquis. As conchas eram colocadas em fornalhas arredondadas e, depois de queimadas, viravam o pó de cal, que era manipulado para comercialização.

Atualmente, os sambaquis são considerados **SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS** e são protegidos nacionalmente pela Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961, que proíbe a exploração até que sejam devidamente pesquisados.

### SÍTIO ARQUEOLÓGICO

é um lugar que apresenta vestígios materiais deixados por grupos humanos que viveram no lugar antes da chegada dos europeus. Quando o lugar guarda os vestígios de ocupações pós-contato com os colonizadores, e apresenta edificações como os aldeamentos, as vilas, as capelas, as fazendas e os portos, pode ser considerado um **sítio histórico**.

O Sambaqui do São Bento é um sítio de encosta instituído em um local sensível às águas, estando próximo aos rios Sarapuí e Iguaçu e à Baía de Guanabara. Foi formado por empilhamento de conchas de moluscos, carapaças de crustáceos, ossos de peixes, aves e pequenos mamíferos. Nele, foram encontrados dois esqueletos dos primeiros habitantes do território, um homem e um menino, sepultados em área elevada para evitar que fossem levados pelas inundações frequentes.

Os mais antigos ancestrais do território fluminense construíram montes de conchas, elevações de dois a vinte metros de altura, em áreas praieiras ou em planícies, ou ainda ocuparam encostas situadas nas proximidades dos rios e do recôncavo da Guanabara. Eles eram pescadores, caçadores e coletores de frutos do mar. A sua arte era lítica, o que pressupõe o uso de um longo tempo de trabalho nas moldagens e alisamentos das pedras. Utilizavam adornos de ossos de animais, trançados de fios vegetais, flechas e outras ferramentas primitivas.

Ao lado, é possível observar as plataformas resultantes do método de escavação utilizado no Sambaqui, o escalonamento. Com isso, é possível visualizar a **estratigrafia** do terreno, isto é, as camadas de rocha, conchas e barro que formam o solo do local. Como se brotassem do chão, as conchas são encontradas por todo o terreno.





**LUCINAS**  
O formato dessas conchas permite que sejam utilizadas como ferramenta de corte, auxiliando em diversas atividades.

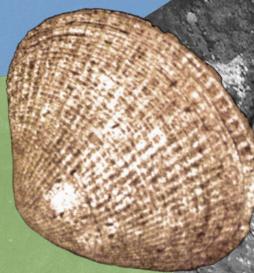


**OSTREIA SP (OSTRAS)**  
Conhecidas como ostras, se constituem na base do sambaqui, pois, além de serem resistentes, eram encontradas em maior quantidade para a alimentação. Algumas delas possuem o formato de colher, podendo ser utilizadas como talher ou raspador de alimentos.

## ALGUNS TIPOS DE CONCHAS ENCONTRADAS NO SAMBAQUI

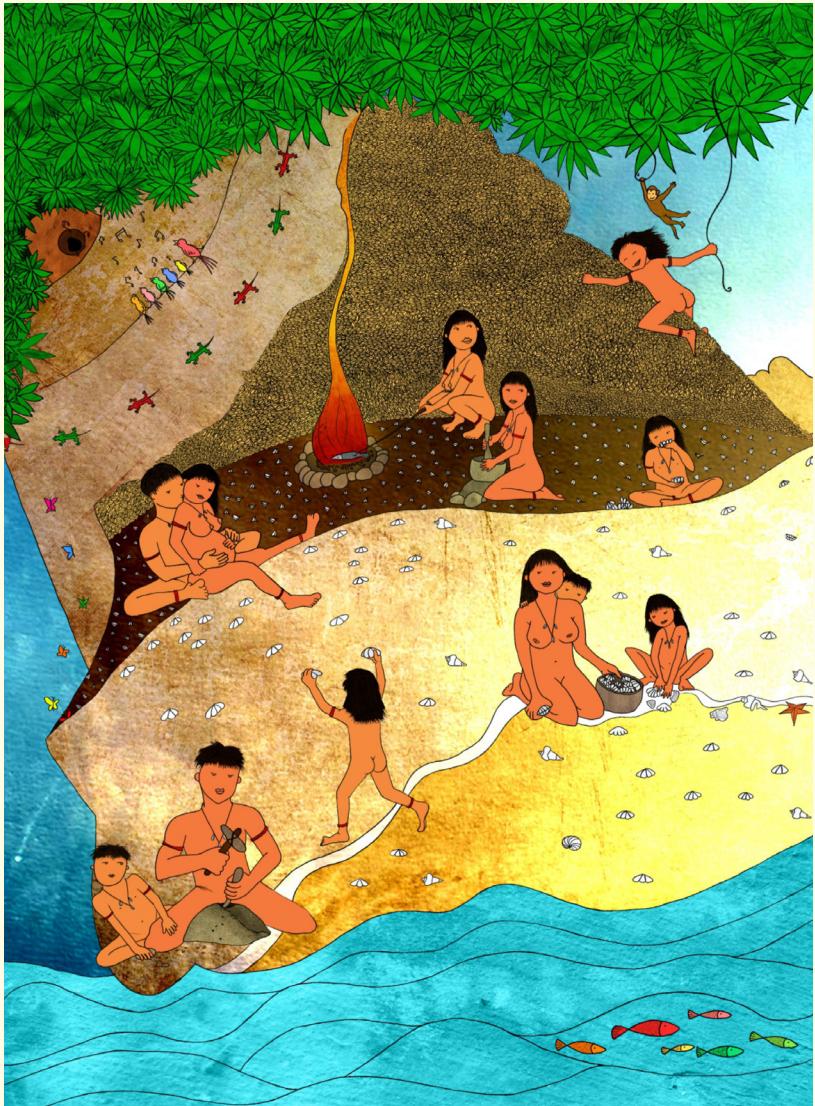


**ANOMALOCÁRDIA (BERBIGÃO)**  
Espécie encontrada em abundância, o berbigão, como é popularmente chamado, recebe seu nome científico por se parecer com um coração. Ela era consumida como alimento e, devido a sua resistência, ajudava na fortificação dos sambaquis.

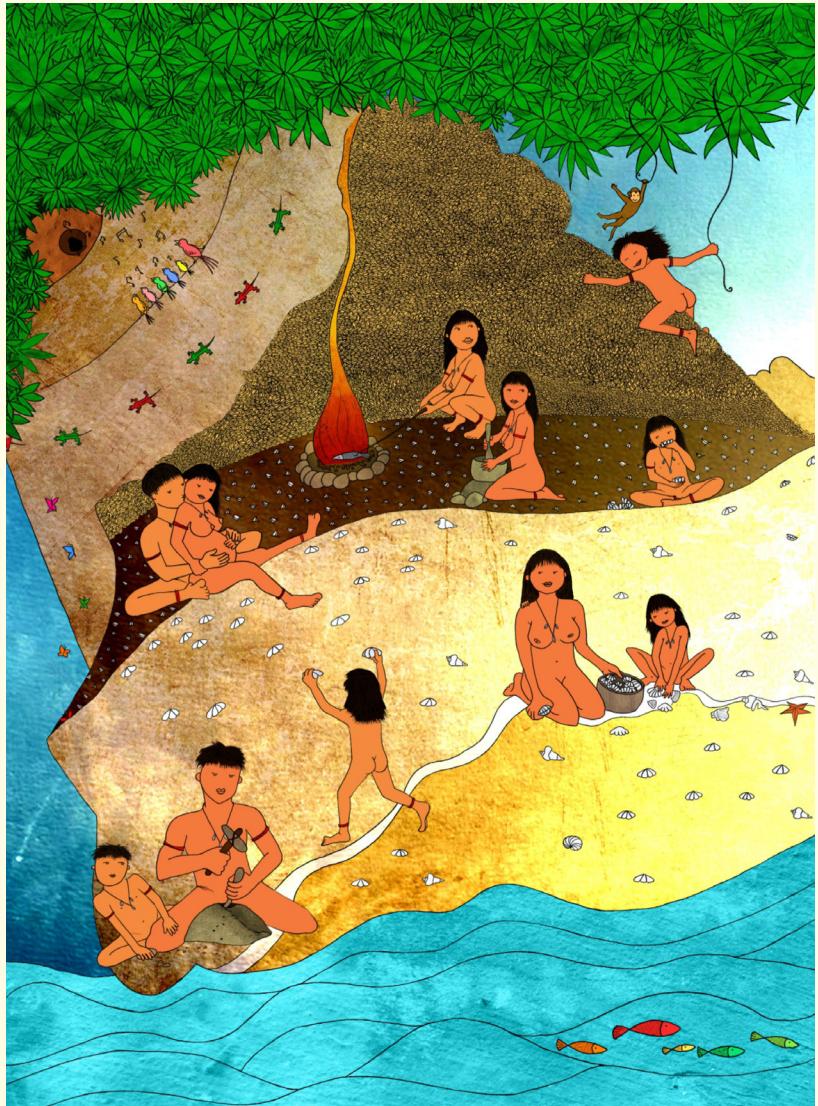


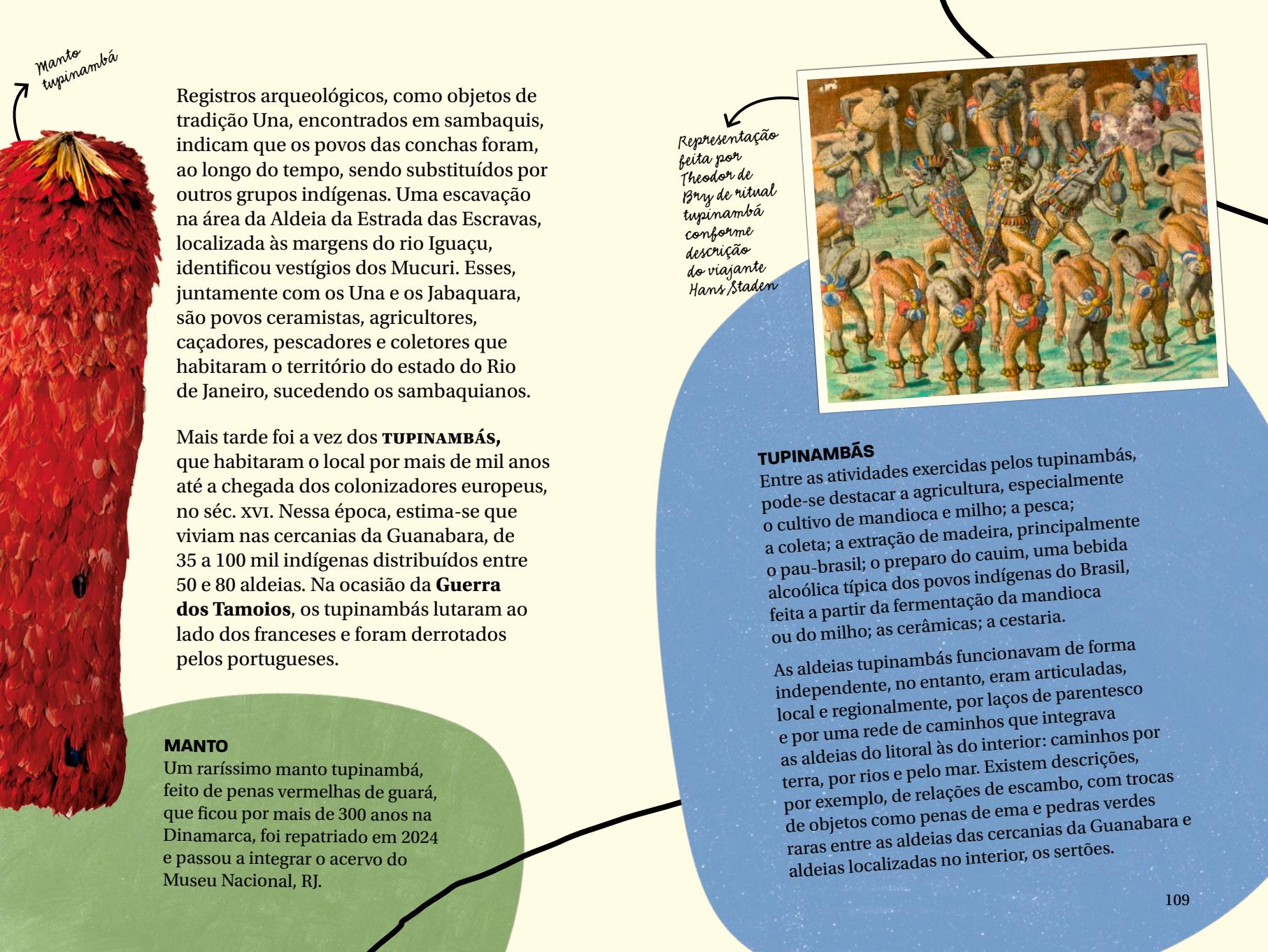
**CHIONE**  
Similar ao berbigão em funcionalidade e aparência, a chione se diferencia pela formatação de suas listras externas.

Habilidades como coleta e separação de alimentos eram fundamentais para os sambaquianos.



*Exercite sua capacidade de observação encontrando todas as 7 diferenças.*





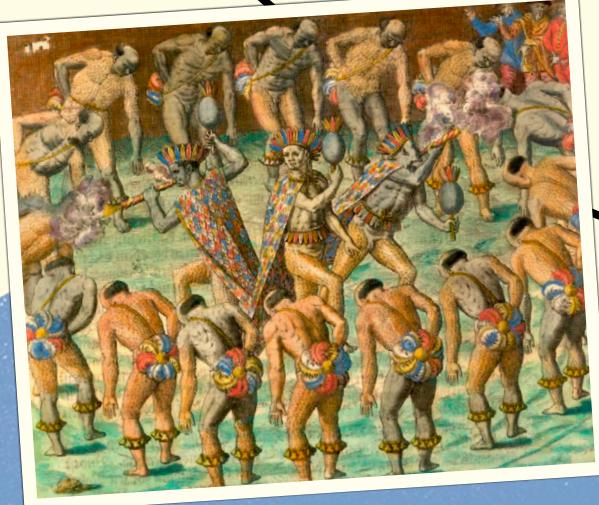
Registros arqueológicos, como objetos de tradição Una, encontrados em sambaquis, indicam que os povos das conchas foram, ao longo do tempo, sendo substituídos por outros grupos indígenas. Uma escavação na área da Aldeia da Estrada das Escravas, localizada às margens do rio Iguazu, identificou vestígios dos Mucuri. Esses, juntamente com os Una e os Jabaquara, são povos ceramistas, agricultores, caçadores, pescadores e coletores que habitaram o território do estado do Rio de Janeiro, sucedendo os sambaquianos.

Mais tarde foi a vez dos **TUPINAMBÁS**, que habitaram o local por mais de mil anos até a chegada dos colonizadores europeus, no séc. XVI. Nessa época, estima-se que viviam nas cercanias da Guanabara, de 35 a 100 mil indígenas distribuídos entre 50 e 80 aldeias. Na ocasião da **Guerra dos Tamoios**, os tupinambás lutaram ao lado dos franceses e foram derrotados pelos portugueses.

#### MANTO

Um raríssimo manto tupinambá, feito de penas vermelhas de guará, que ficou por mais de 300 anos na Dinamarca, foi repatriado em 2024 e passou a integrar o acervo do Museu Nacional, RJ.

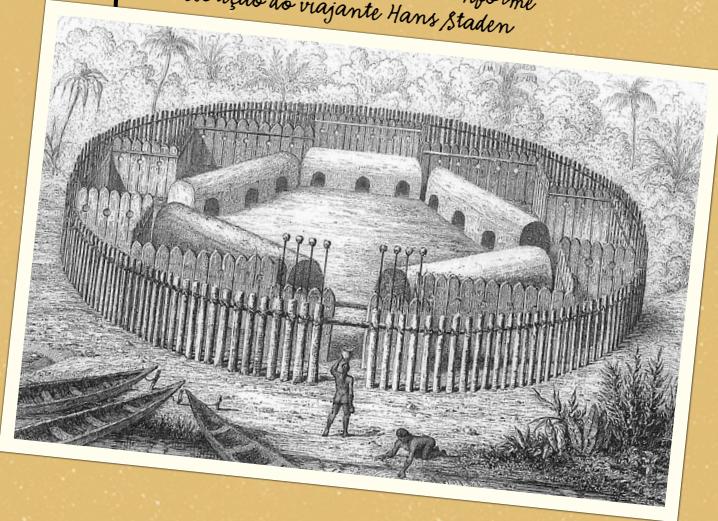
Representação feita por Theodor de Bry de ritual tupinambá conforme descrição do viajante Hans Staden



#### TUPINAMBÁS

Entre as atividades exercidas pelos tupinambás, pode-se destacar a agricultura, especialmente o cultivo de mandioca e milho; a pesca; a coleta; a extração de madeira, principalmente o pau-brasil; o preparo do cauim, uma bebida alcoólica típica dos povos indígenas do Brasil, feita a partir da fermentação da mandioca ou do milho; as cerâmicas; a cestaria.

As aldeias tupinambás funcionavam de forma independente, no entanto, eram articuladas, local e regionalmente, por laços de parentesco e por uma rede de caminhos que integrava as aldeias do litoral às do interior: caminhos por terra, por rios e pelo mar. Existem descrições, por exemplo, de relações de escambo, com trocas de objetos como penas de ema e pedras verdes raras entre as aldeias das cercanias da Guanabara e aldeias localizadas no interior, os sertões.



### ALDEIA TUPINAMBÁ

era circular, com grandes tabas, também chamadas de malocas, protegida por uma cerca de troncos e por fossos contendo estrepes, um tipo de armadilha. Cada aldeia possuía de 350 a mil moradores distribuídos entre as várias tabas. As **tabas** eram residências coletivas com aproximadamente 150m<sup>2</sup>, cobertas de palha, do teto até o chão. Possuíam duas portas laterais e uma central. Em cada taba havia cerca de 40 a 70 tupinambás, sempre tendo um ancião como referência. No interior da maloca, cada família possuía espaço para redes e fogueira. Essas famílias estavam unidas pelos laços de linhagem, ou seja, de parentesco.

Representação feita por A. F. Lemaitre de uma aldeia tupinambá conforme descrição do viajante Hans Staden

### ANTROPOFAGIA

Os tupinambás costumavam ser caracterizados como grandes canibais pelos portugueses. Na verdade, o consumo de carne humana acontecia apenas durante o **ritual antropofágico**. Nesse ritual, um inimigo derrotado na guerra e escravizado era devorado coletivamente pela aldeia. Eles acreditavam que dessa forma estariam se alimentando, não só da energia do inimigo, mas também fazendo justiça e prestando homenagens aos antepassados mortos e vitimados por seus inimigos. Era uma espécie de vingança e incorporação da energia do outro que animava e mantinha a unidade tribal.

Esses rituais não faziam parte do dia a dia, sendo realizados, muitas vezes, após um longo período de estadia do escravizado na aldeia. Durante esse período, o escravizado poderia ter esposa, filhos, trabalhar e participar das atividades da aldeia.

### JACUTINGA

No séc. XVI, a ocupação tupinambá, localizada entre os rios Meriti e Iguacu, onde hoje está situado o município de Duque de Caxias, era conhecida como aldeia Jacutinga.

Jacutinga, ave que dá nome à aldeia e um dos símbolos do MVSB



Muitas das palavras que usamos cotidianamente tem origem na língua tupi. Conheça algumas delas.

**AÇAÍ:** fruta que chora

**AMAPÃ:** o cerco ou  
a chuva forte

**ARARUAMA:** comedouro ou  
bebedouro dos papagaios

**BANGU:** o antepassado  
escuro, a barreira negra,  
alusão ao servo

**BAURU:** cestos de frutas

**CAPIVARA:** animal  
comedor de capim

**CARIOSA:** mestiço  
descendente de branco,  
residência do europeu

**CUPIM:** formiga branca

**GUANABARA:** seio  
semelhante ao mar,  
estuário amplo

**GUAPI:** o começo do vale,  
as nascentes

**GURI:** bagre novo; por  
extensão, criança

**IGUAÇU:** rio grande

**IPANEMA:** água ruim,  
o rio sem peixe

**IPIRANGA:** rio vermelho  
ou pardo, a água rubra

**JIBOIA:** cobra muito grande

**JACARÉ:** aquele que te  
observa de lado

**MIRIM:** pequeno

**NHENHENHÊM:** falar-  
falar-falar

**PAQUETÁ:** as pacas

**PAÇOCA:** alimento  
socado no pilão

**SABIÃ:** pássaro cantador

**SARAPUÍ:** rio das enguias  
ou do peixe faca

**TATU:** casco grosso

**TINGUÃ:** o bico ou nariz  
pontiagudo, o pico

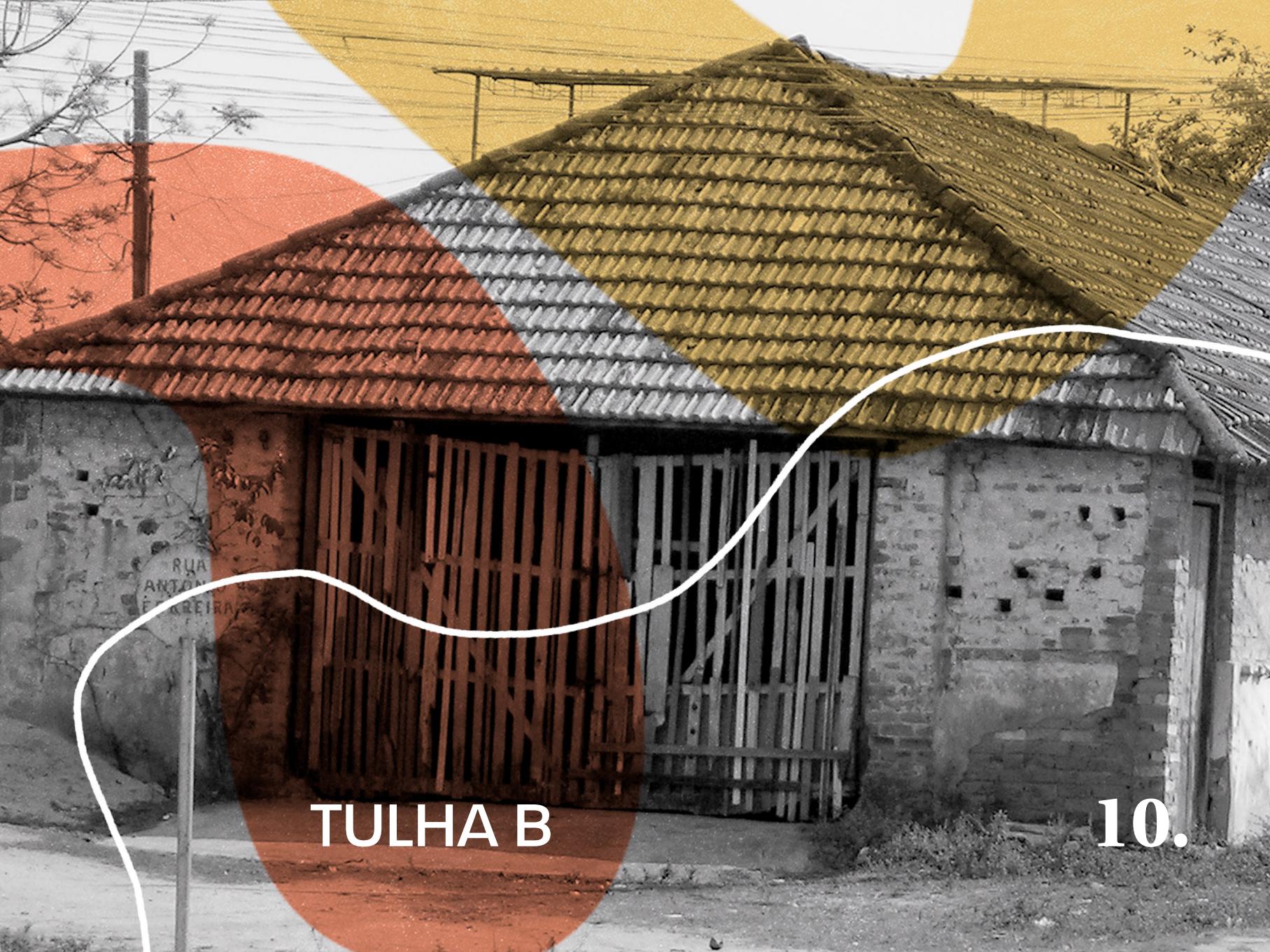
**URUBU:** pássaro preto

**XERÉM:** milho picado,  
canjiquinha

No séc. XVI era possível encontrar diversas aldeias tupinambás na área do recôncavo da Guanabara. *E você, consegue localizá-las?*

**TUCANO, SARAPUÍ, ALDEIA DAS VELHAS, JACUTINGA,  
SAPOPEMBA, GUATIGUABA, MARAMBAIA, TUCURUÇU, SURUI,  
JAGUARAÉ, TAQUANUÇU, PARANAGUAPE.**

T H U K N N G Y I O P F C V B O D  
G A U J K L P D E S A Y U I N L M  
B G Q C R T G Y P O L M N B V U R  
C R E U G D Y V J A C U T I N G A  
P L M J A B V T G O A R F T A T L  
K O L H T N F V D P O L J T R N D  
E V J K I G U P O Y B F T J Y Z A  
D S A T G E C C O L M N U F T I L  
O P E D U J U S U F C Y C B M A D  
L S A R A P U I V G T U U A M E E  
N B V T B O J U H D R X R R Y F I  
U H F D A P L R N J U A U G T E A  
S U J F E S P U M N M T C D U S D  
A I O P U T R S H B L M U S C R A  
P B N I O P L B A C F R T H A G S  
O W Z O P L M I D C R T U I N B V  
P F E P O L A B V T R E W S O X E  
E M B I O P G A S F C Z O U Y I L  
M P L M B N T R L M D I O E S L H  
B B I P H B J A G U A R A E T S A  
A O V D E Y G B Z J M T P O L A S  
P H R E E P A U G A N A R A P M V



TULHA B

10.

Por mais que a pesquisa acerca da história do território da Fazenda do Iguaçu seja constante, ainda restam algumas lacunas a serem preenchidas. Esse é o caso da construção e da finalidade original da **TULHA B**. Na memória coletiva dos moradores circulam notícias de que já foi uma senzala de africanos escravizados. De fato, o seu formato arquitetônico remete a uma grande senzala de pavilhão, como as que existiam nas grandes plantações escravistas desde o período colonial. Contudo, até o presente, não foi possível obter nenhuma comprovação documental.

O que é possível afirmar a partir da documentação disponível, é a utilização da edificação como uma das tulhas para armazenamento da produção da Fazenda do Iguaçu, sobretudo de carvão, que foi produzido na propriedade até o séc. xx. A escolha desse local se relaciona, além da proximidade com o Casarão, à existência de um córrego, atualmente apenas uma vala, nos fundos da edificação que ligava o centro produtivo e de armazenamento da fazenda ao porto do rio Iguaçu, onde era possível transferir as mercadorias para embarcações maiores.



#### **construção**

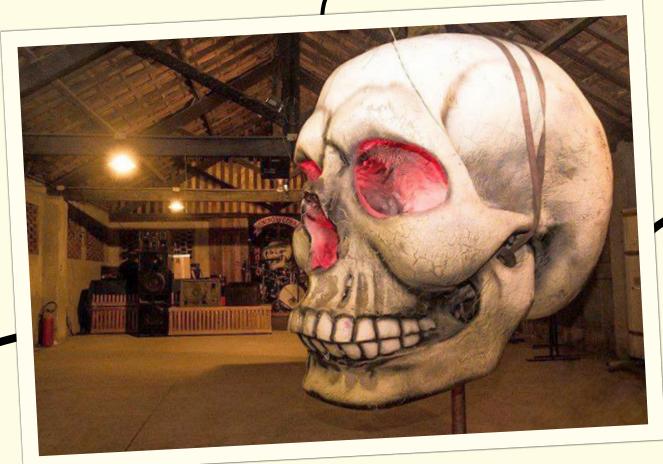
Entre o final do séc. xix  
e o início do séc. xx

#### **utilização original** Armazém

#### **utilização atual**

Sede do Moto Clube  
Veneno da Cobra

Durante a existência do Núcleo Colonial São Bento, a edificação abrigou também a **Companhia de Malária**, órgão do Ministério da Saúde dedicado ao combate da doença, servindo como enfermaria para internação. Nesse período, a edificação também foi utilizada como residência de colonos solteiros.



Interior da Tulha B, sede do Moto Clube Veneno da Cobra

Mais recentemente, funcionou como oficina mecânica de Ismael Rodrigues da Silva e de seu filho, até ser vendida para o **MOTO CLUBE VENENO DA COBRA**, em 2007. O espaço, então, foi reformado, mas suas características arquitetônicas foram preservadas. Atualmente, nela são realizadas alguns eventos, como a festa de aniversário do moto clube e encontros de motociclistas.

Logo do Moto Clube Veneno da Cobra

### MOTO CLUBE VENENO DA COBRA

Fundado em 1999 por Paulo Kreischer, o moto clube tem sua filosofia refletida em seu logo. De acordo com seus integrantes, a espada simboliza o elemento do fogo, a justiça e a força da luta por um mundo melhor; o crânio diz respeito à igualdade, a ideia de que todos são iguais por baixo da máscara que chamam de rosto; e a cobra, o animal mais astuto sobre a face da terra, representa a dualidade, o entendimento de que em tudo na vida existem dois lados a se analisar. Os membros do moto clube fazem questão de lembrar que é a partir do veneno da cobra que se faz o soro antiofídico. O veneno também pode ser a cura.



11.



NOVO

SÃO

BENTO



L

om o fim do Núcleo Colonial São Bento, ocupações populares se expandiram pelo território. Em 1954, a comunidade Parque Liberdade se instalou às margens do rio Sarapuí.

Já na década de 1970 foi a vez da Vila Alzira, que ocupou a área no dique do Iguaçu.

Apesar disso, o Parque São Bento manteve-se preservado como na época do núcleo até 1995, quando a Federação Municipal das Associações de Moradores de Duque de Caxias (MUB) iniciou uma nova ocupação popular em terras públicas que, no passado, tinham sido utilizadas por colonos japoneses. Esta ocupação privilegiou o assentamento de mulheres em situação de vulnerabilidade social e ficou conhecida como **NOVO SÃO BENTO**.

Inicialmente, foi instalado um acampamento provisório com lonas, plásticos e restos de madeiras usadas, em lotes retalhados pelo MUB. Depois, aterros e construções de alvenaria foram surgindo, contando com mulheres como principal mão de obra trabalhadora. Eram, em boa parte, diaristas, empregadas domésticas, catadoras de material reciclável, doceiras, camelôs, costureiras, desempregadas ou mulheres em situação de trabalho precário, sem casa própria. Muitas delas eram chefes de família.

Aos poucos, a mobilização popular assegurou pavimentação, instalação de energia elétrica e iluminação pública. Posteriormente, novos lotes e casas foram sendo erguidos nas proximidades do rio Iguaçu, a partir de outras iniciativas.

Atualmente, o Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLM) organiza os moradores em defesa da regularização fundiária e melhoria das condições de vida no lugar.

Vista aérea do Novo São Bento  
na altura do Esporte Clube, 2022



“  
Quando eu vim pra cá só tinha mato, rato e barro. Eu dormia no chão. As crianças e os vizinhos vigiavam para nenhum bicho me pegar enquanto eu descansava. Carreguei barro, fiz concreto, enchi coluna, e hoje tenho minha casa quase do jeito que eu queria. Hoje a ocupação progride dia a dia, já que tem luz, muitos moradores e comércio. Acreditamos que vai melhorar ainda mais se continuarmos na luta.”

Ana Lúcia Vieira, uma das fundadoras e moradora da Ocupação Novo São Bento. 1995.



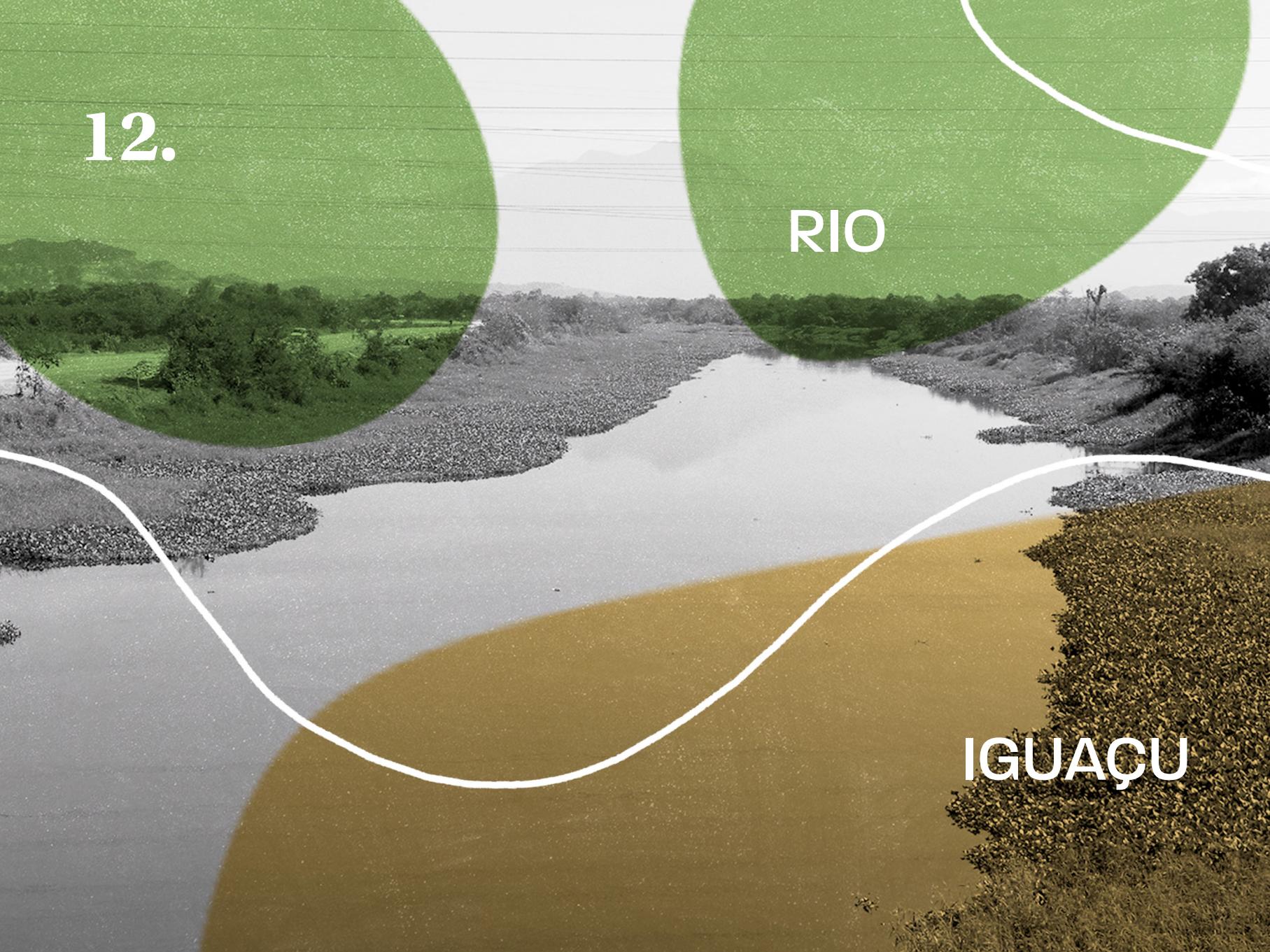
Mapeamento  
das ocupações  
instituídas na  
região da sede  
da Fazenda do  
Iguaçu

Com o passar do tempo, além do Novo São Bento, várias outras ocupações têm surgido e se expandido na região do entorno do Museu. Várias ocupações foram criadas a partir do aterramento de áreas ribeirinhas do rio Iguaçu e do rio Sarapuí, em cima de **PÖLDERES**, estando expostas ao risco constante de enchentes.

O mapa ao lado apresenta essas ocupações em ordem de surgimento.

- 1 Parque São Bento
- 2 Parque da Liberdade
- 3 Vila Alzira
- 4 Novo São Bento
- 5 Esperança ou Vila Nova
- 6 Morro do Céu
- 7 Comunidade da Paz
- 8 Guedes
- 9 Cristo Rei
- 10 Solano Trindade
- 11 Medina

**PÖLDER**  
é uma área de  
terra de nível  
inferior ao do mar,  
protegida por  
diques e drenada  
para agricultura,  
pastagem ou  
habitação.

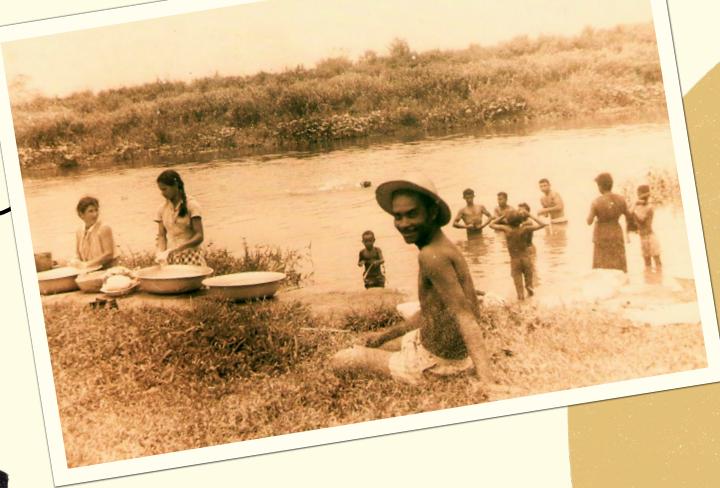


12.

RIO

IGUAÇU

Moradores no Rio Iguaçu na década de 1960



T

ransitando pela região do MVSB, é possível observar o **RIO IGUAÇU** em diversos pontos. Trata-se do maior rio da Baixada Fluminense, uma importante via de acesso dos primeiros ancestrais sambaquianos, umas e tupis ao oeste da Baía de Guanabara, e um dos principais portais de entrada dos colonizadores lusitanos. Em suas margens foram instituídos assentamentos dos povos das conchas, aldeias tupis e os **Quilombos do Campo do Bomba**, território próximo à sede gleba do Núcleo Colonial São Bento, e do Campo Grande do São Bento, área delimitada hoje entre os bairros do Amapá, Piranema e Marambaia. Próximo ao rio, foram ainda instituídas fazendas, chácaras, sítios, portos e entrepostos comerciais. Por ele era escoada a produção dessas propriedades em direção aos portos do Rio de Janeiro.



Localização do Rio Iguaçu no percurso do MVSB

**IGUAÇU**  
em tupi, significa  
“rio grande”.

**utilizações ao longo do tempo**  
Pesca, coleta de frutos do mar, rota de navegação...

O rio Iguaçu nasce na serra do Tinguá e tem como afluentes rios potentes do segundo e quarto distritos de Duque de Caxias e de outros municípios, como os rios Sarapuí, Bota, Capivari e Pilar, formando, assim, a **Bacia Hidrográfica do Iguaçu**. Esta bacia possui 82 nascentes, que atravessam sete municípios. Em Duque de Caxias, corresponde a 58% do território.

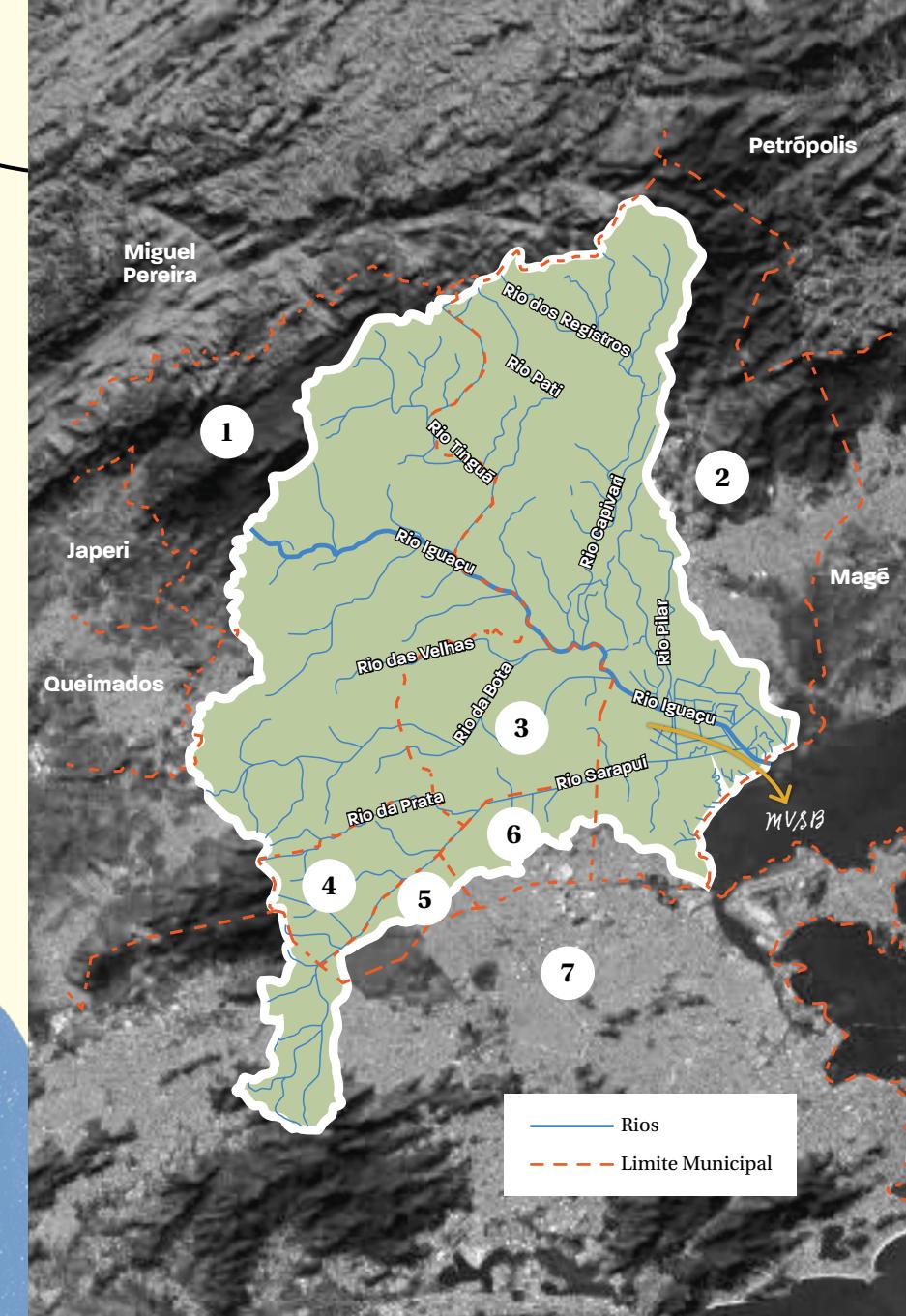
Durante a noite, o rio Iguaçu e seus afluentes são impactados pelas flutuações das marés, sendo possível testemunhar o avançar das águas da Baía de Guanabara pelos rios e manguezais.

Com o avanço da urbanização, grande parte do manguezal foi aterrado. Próximo à antiga área da sede gleba do Núcleo Colonial São Bento e da **APA SÃO BENTO**, onde hoje está situado o MVSB, foram instalados, entre outros, a **Reduc** e o **Aterro Sanitário de Jardim Gramacho**. Esses empreendimentos causaram e ainda causam sérios problemas ambientais no território.

#### MUNICÍPIOS NA ÁREA DA BACIA HIDROGRÁFICA DO IGUAÇU

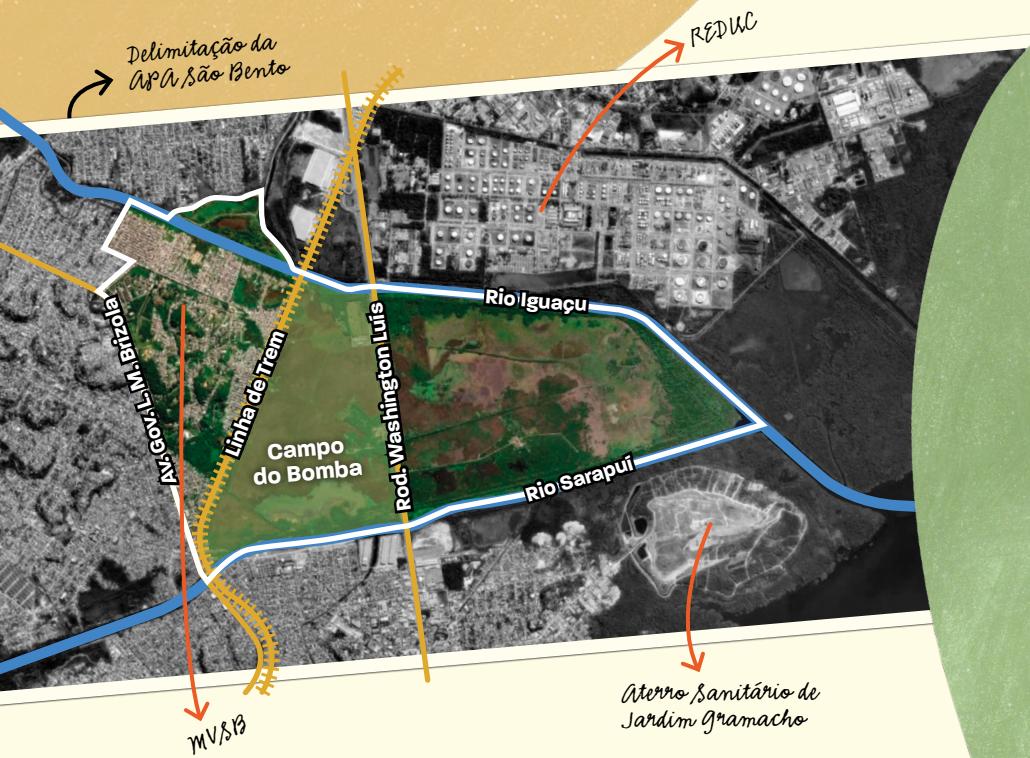
- |          |                 |          |                    |
|----------|-----------------|----------|--------------------|
| <b>1</b> | Nova Iguaçu     | <b>5</b> | Nilópolis          |
| <b>2</b> | Duque de Caxias | <b>6</b> | São João de Meriti |
| <b>3</b> | Belford Roxo    | <b>7</b> | Rio de Janeiro     |
| <b>4</b> | Mesquita        |          |                    |

Bacia Hidrográfica do Iguaçu



## APA SÃO BENTO

Nos fundos da sede administrativa do Museu Vivo do São Bento, havia uma lagoa e uma planície formada por vegetação de mangue, receptora das águas do rio Iguaçu, que transbordavam nos períodos de chuva e nos finais de tarde, quando a maré sobe. Em 1997, esse território passou a ser considerado uma Área de Proteção Ambiental (APA), com a missão de preservar o mangue, a planície de inundação, a lagoa e animais como capivaras, cobras, garças, tartarugas e jacarés.



A preservação da planície de inundação do rio Iguaçu, em especial da área do **CAMPO DO BOMBA**, é fundamental para proteger o mangue, e impedir que ocupações humanas desordenadas avancem. Apesar de vários esforços nesse sentido, ao longo dos anos muitas famílias tem se instalado próximas às margens do rio, estando vulneráveis a enchentes.

## CAMPO DO BOMBA

é uma planície fluvial de quase três milhões de metros quadrados que divide a APA São Bento. O terreno funciona como amortecedor natural de enchentes, porque recebe e retém as águas dos rios Iguaçu e Sarapuí em época de cheia.

Mesmo com o amortecimento natural, moradores de Duque de Caxias sofrem com alagamentos, devido às características geográficas da Baixada Fluminense.

Moradores e ambientalistas tentam chamar atenção para o que está em jogo. Além das enchentes nas margens do Campo do Bomba, o aterramento pode aumentar o nível dos rios e provocar inundações em toda a bacia, afetando, além de Duque de Caxias, os municípios de Nilópolis, São João de Meriti, Nova Iguaçu, Belford Roxo e Mesquita.

Em 2008 a área do Campo do Bomba foi retirada da APA São Bento através de um decreto municipal. A decisão é, até hoje, alvo de questionamentos por parte do Ministério Público.

## QUILOMBOS

Durante o período escravista brasileiro, o surgimento de quilombos, comunidades formadas sobretudo por africanos escravizados fugitivos, foi uma constante. Os quilombos se tornaram um símbolo de resistência e combate à escravidão.

Há farta documentação e notícias da presença de quilombos no território da Fazenda do Iguaçu, como o **Quilombo do Bomba** (no atual Campo do Bomba), o Quilombo do Amapá (nas nascentes do rio Iguaçu) e o Quilombo do Gabriel (nas margens do rio Pilar).

Habitando áreas de inundação e de manguezal, os quilombolas viviam da pesca, da cata do caranguejo, da caça e da produção de carvão. Como era costumeiro na época, eles também cobravam tributos de quem passava em seu território, e recebiam acoitamento dos escravos da Fazenda do Iguaçu.

Em 1825, o governo imperial empreendeu uma das maiores expedições fluminense, mais de 160 homens foram trazidos de São Paulo, com vistas à destruição dos quilombos iguaçuanos. A perseverança dos quilombos e o insucesso dos variados ataques sobre eles durante todo o séc. XIX fez com que, em 1876, o Ministro da Justiça do Império denominasse esses quilombos de **HIDRA DE IGUAÇU**.

Escultura de cerâmica,  
Hidra de Iguaçu

Máscara de tortura  
encontrada às margens  
do rio Iguaçu

## MÁSCARA

Em 2012, uma moradora do São Bento encontrou às margens do rio Iguaçu, uma máscara feita de ferro fundido. Essa máscara, que foi doada ao MVS, provavelmente era utilizada como instrumento de tortura de escravizados, e é mais um sinal da existência dos quilombos do Iguaçu.

## HIDRA DE IGUAÇU

A hidra de Lerna é uma criatura monstruosa da mitologia grega, uma espécie de serpente com muitas cabeças que habitava um território pantanoso no Peloponeso. Em um de seus doze trabalhos, Hércules teve de enfrentá-la, e, por mais que cortasse suas cabeças, elas sempre se regeneravam.

Assim como a hidra de Lerna, os quilombos iguaçuanos possuíam muitas cabeças e eram “indestrutíveis”. Quando se acabava com um, outro logo aparecia nas terras alagadiças do Iguaçu. Vem daí a associação com o ser mitológico e o nome **hidra de Iguaçu**.

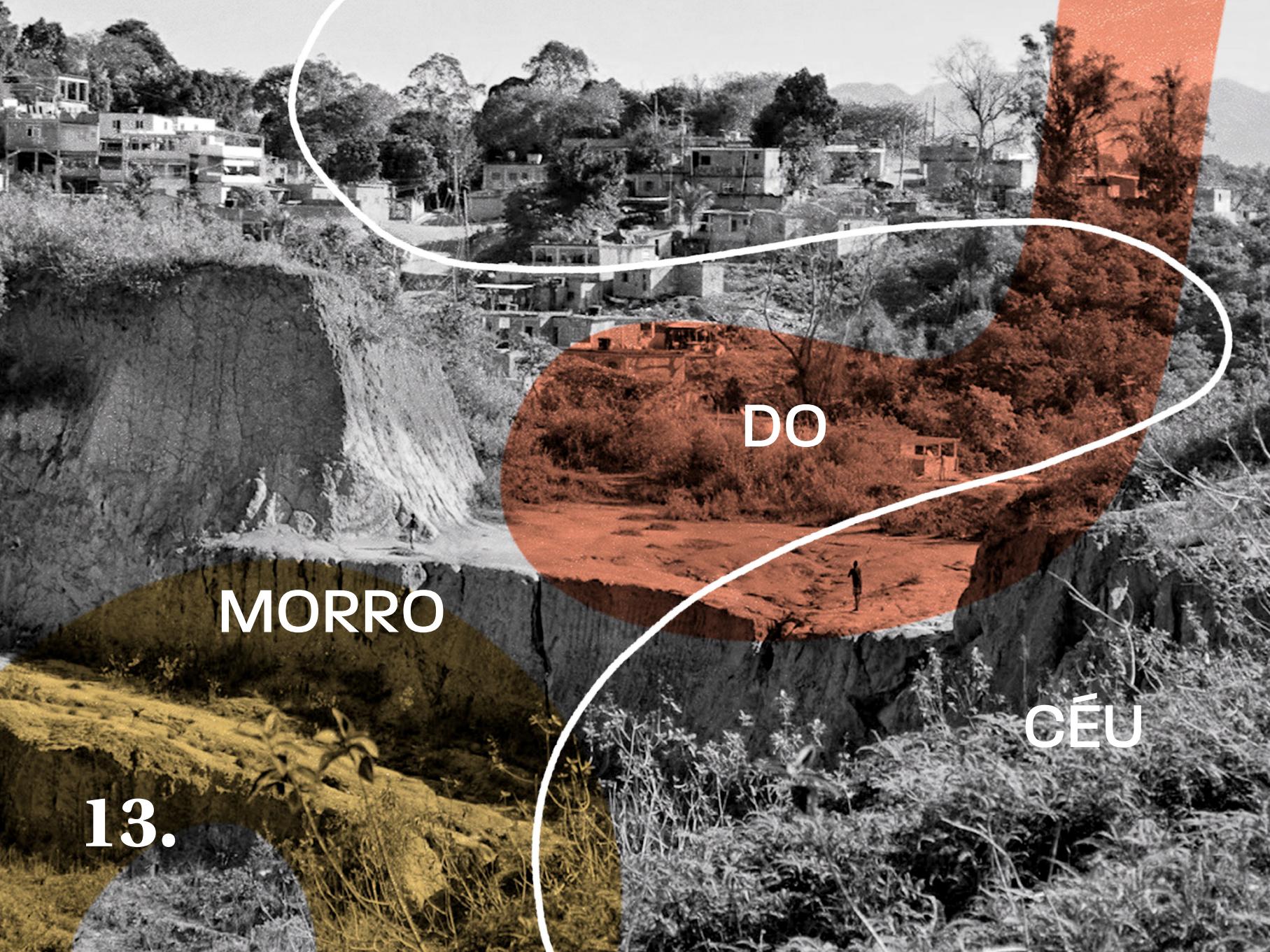
O MVS adotou a hidra como um de seus símbolos e foi presenteado pelo ceramista Agenor Nunes de Oliveira, com a escultura ao lado.

13.

MORRO

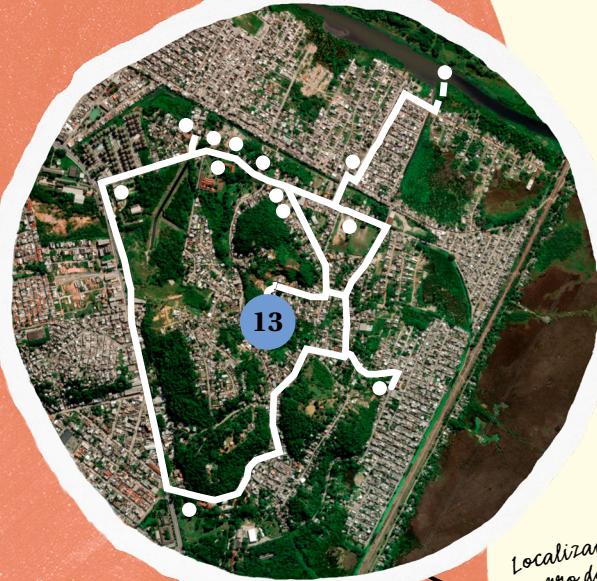
DO

CÉU



**E**m 1939, o Ministério da Agricultura instituiu o Parque São Bento, um projeto urbanístico que preservou vestígios da Mata Atlântica e reflorestou encostas devastadas pela agricultura e pela criação de gado, procurando assim reduzir as quedas de barreiras, potencializar os recursos hídricos, melhorar a climatização e o embelezamento da Estação Fitossanitária do São Bento (atual Centro Pan-Americanano) e da sede gleba do Núcleo Colonial São Bento.

Nessa área encontra-se o **MORRO DO CÉU**, também conhecido como Morro da Marinha, que é formado por um conjunto de pequenas elevações com cobertura vegetal que se estendem a partir dos fundos da Sede Administrativa do MVSB, perpassando pelo Sambaqui e pelo Centro Pan-Americanano. O Morro do Céu guarda uma vegetação relativamente preservada e conta com um acesso ao seu cume, em forma de escadaria, e também um mirante.



Localização do  
Morro do Céu no  
percurso do MVSB

**utilização ao  
longo do tempo**  
Reserva de mata atlântica,  
APA São Bento, extração  
de saibro, mirante.





Área degradada do Morro do Céu destinada ao mirante e à sede da APA São Bento

Nas últimas décadas, no entanto, parte do morro foi degradada pela exploração ilegal de saibro. A fim de preservar a vegetação restante, e de impedir novos usos irregulares do espaço, existem planos para a instalação de um novo mirante e também da sede da **APA São Bento** nessa área degradada.

Essa vulnerabilidade ambiental se estende por todo o território da antiga Fazenda do Iguaçu há muito tempo e está bastante associada à construção de corredores rodoviários, como a Av. Automóvel Clube (1926), a Av. Gov. Leonel de Moura Brizola (1928) e a Rod. Washington Luís (1950), que impulsionaram a expansão urbana e a instalação de polos industriais.

No entorno da APA é possível identificar dois grandes exemplos do descaso ambiental que imperou por anos. O primeiro é o complexo industrial da **REDUC**, responsável por problemas como a poluição do ar, vazamentos de óleo e chuva ácida. O segundo, o **LIXÃO DO GRAMACHO**, que amontoou, sem os devidos cuidados, toneladas do lixo produzido na região metropolitana do Rio de Janeiro, poluindo com chorume o lençol freático e a Baía de Guanabara.

Visão do Morro do Céu  
atrás da sede do MVSB

## **REDUC**

A Refinaria Duque de Caxias (Reduc) foi instalada dentro da área da antiga Fazenda do Iguaçu. Para a construção foi escolhido um ponto logístico estratégico, às margens da Rodovia Washington Luís. O local, à época, fazia parte do Núcleo Colonial São Bento e foi cedido para a **Petrobrás**, que havia sido criada pouco antes, em 1953, como uma empresa estatal que detinha o monopólio da exploração de todas as etapas da indústria petrolífera.

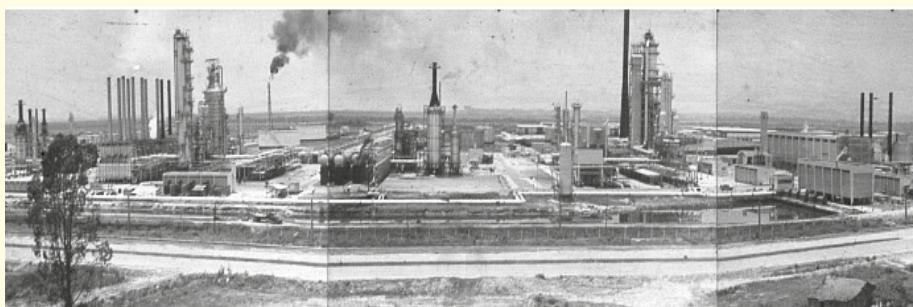
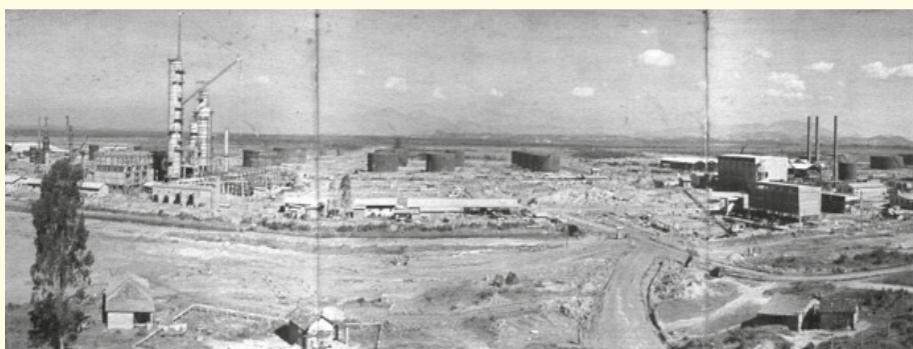
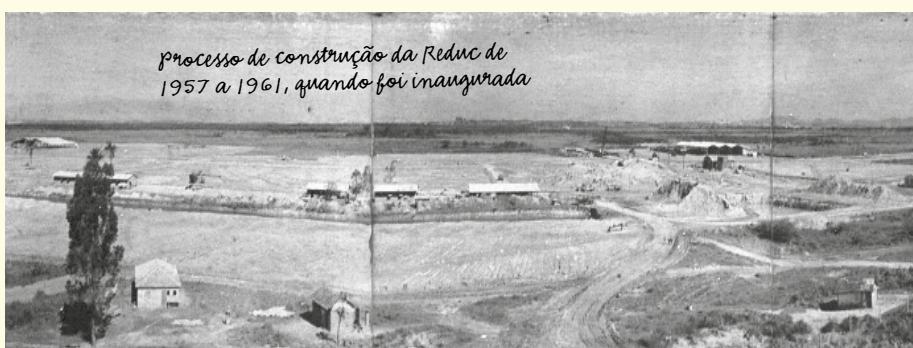
Com obras iniciadas em 1957 e inauguração em 1961, atualmente, a Reduc ocupa uma área de aproximadamente 13km<sup>2</sup> e é uma das maiores refinarias do Brasil em capacidade de refino de petróleo. Ela é responsável pela maior parte do processamento de gás natural do país e também possui o maior portfólio de produtos da Petrobrás: óleo diesel, gasolina, querosene de aviação, asfalto, nafta petroquímica, gases petroquímicos (etano, propano e propeno), parafinas, lubrificantes, GLP, coque, enxofre, dentre outros.

Com a abertura da Reduc, foi criado um gigantesco polo petroquímico e gasquímico no local. Dentre as empresas instaladas, destaca-se também a **Fabor**, empresa especializada na produção de borrachas sintéticas, inaugurada em 1962, que mais tarde foi incorporada à **Petroquisa**, primeira subsidiária da Petrobrás.

Apesar da grandiosidade do empreendimento, é preciso lembrar que a Reduc, e demais empresas do segmento, estão instaladas em uma área de mangue, às margens do rio Iguaçu e da APA São Bento. Poluição do ar, vazamento de resíduos industriais e de óleo e a contaminação do lençol freático são alguns dos problemas ambientais causados por elas.



*Processo de construção da Reduc de 1957 a 1961, quando foi inaugurada*



*Reduc vista  
a partir do  
Morro do Céu*



## LIXÃO DO GRAMACHO

Em 1976 foi instalado na foz do Rio Iguaçu, na Baía de Guanabara, o Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, ou como ficou mais conhecido, o Lixão do Gramacho.

O aterro foi assentado em cima de um manguezal, da praia de Duque de Caxias e de um porto colonial, sendo responsável pela degradação ambiental do seu entorno.

Considerado o maior lixão da América Latina, ocupa uma área de 1,3 milhão de metros quadrados e, enquanto em funcionamento, chegou a receber diariamente mais de 3,5 toneladas de lixo oriundas da região metropolitana do Rio de Janeiro, a maior parte da capital, produzindo milhões de litros de **CHORUME**. O local serviu de moradia e fonte de renda para muitas famílias em situação de vulnerabilidade. Em 2010, foi lançado o documentário “Lixo Extraordinário”, que mostra o cotidiano dos trabalhadores enquanto eles ajudam a transformar parte do lixo recolhido em obras de arte. O filme do artista plástico Vik Muniz concorreu ao óscar em 2011.

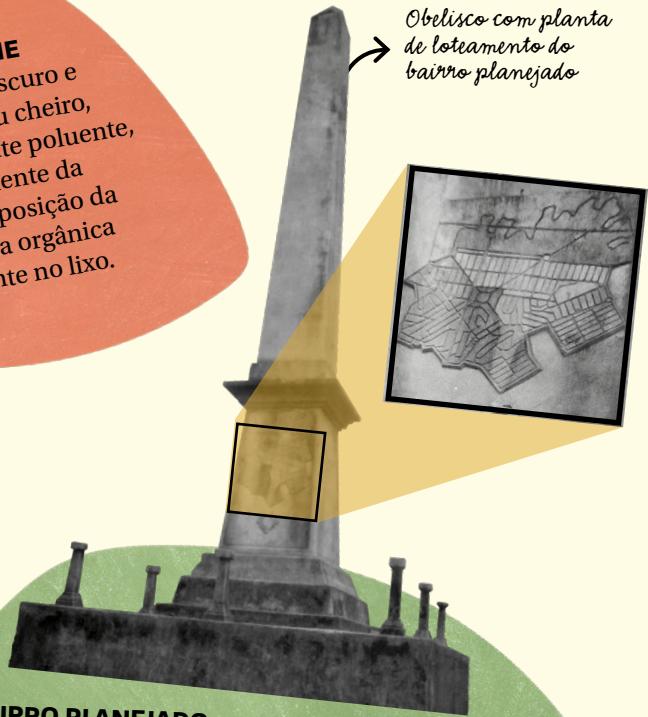
Em 2012, o Aterro foi oficialmente fechado. Na ocasião, havia, no local, aproximadamente 1,5 mil catadores de lixo em atividade, que foram indenizados. Os planos de reparação e revitalização do local até hoje não foram realizados.



## CHORUME

líquido escuro e com mau cheiro, altamente poluente, proveniente da decomposição da matéria orgânica presente no lixo.

Obelisco com planta de loteamento do bairro planejado



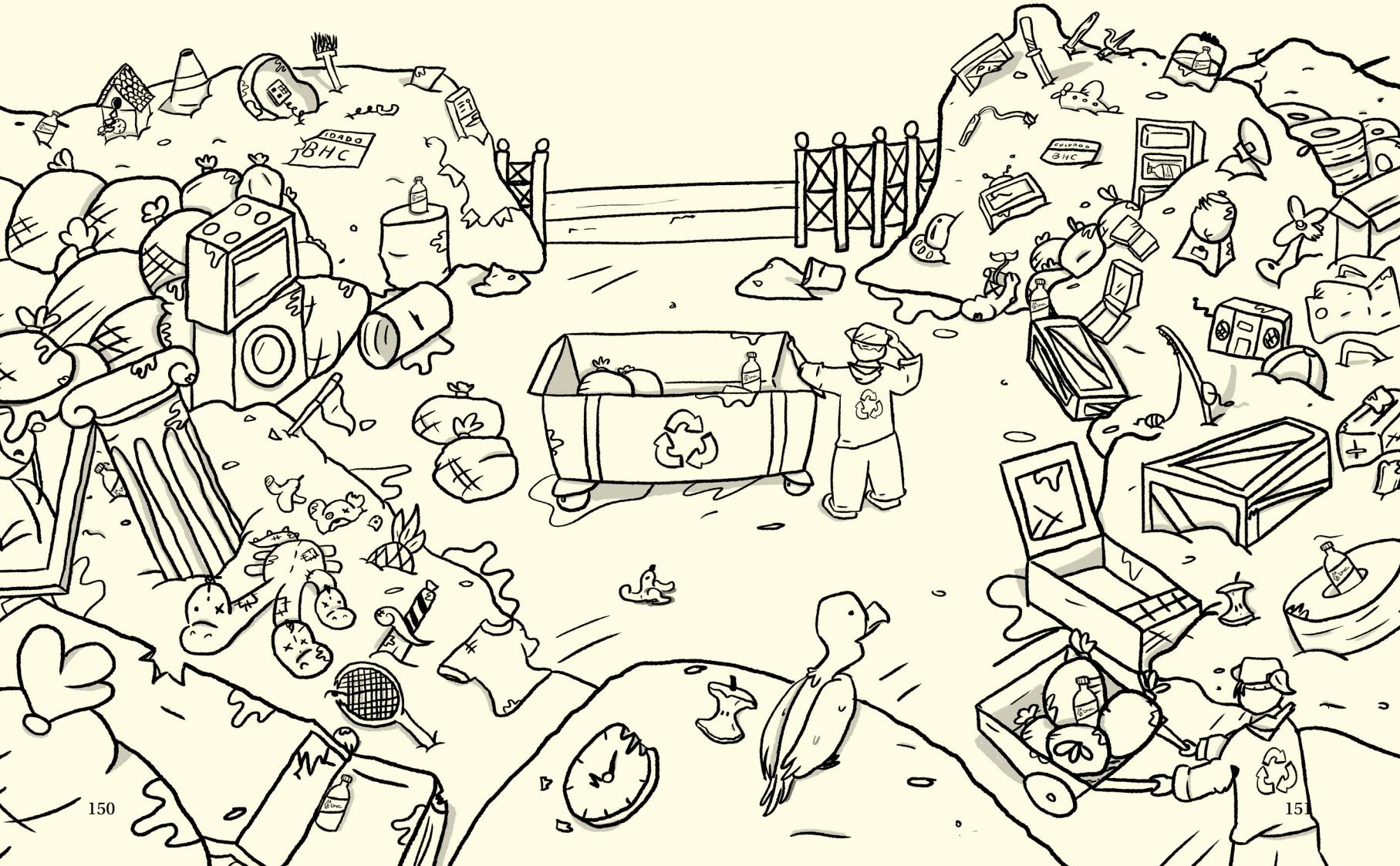
## BAIRRO PLANEJADO

Em 1943, a Companhia Imobiliária do Gramacho iniciou a instalação do loteamento do bairro Jardim Gramacho. De acordo com esta, o bairro poderia vir a ser o centro de Duque de Caxias, que se emanciparia de Nova Iguaçu no mesmo ano. Tal previsão não se concretizou e, décadas depois, foi instalado ali o **Lixão do Gramacho**. Curiosamente, foi instalado na praça central do loteamento um obelisco com o mapa do bairro, inspirado no Obelisco de Luxor da praça da Concórdia, em Paris. Atualmente, o monumento encontra-se no interior do CIEP Ministro Hermes Lima Brasil-Turquia, que foi construído na antiga praça, na década de 1980.

Existem muitos materiais que podem ser reciclados, mas são descartados junto com o lixo comum.



Ajude os catadores, encontrando 10 garrafas na montanha de lixo.



14.

CENTRO

PAN-AMERICANO

**construção**

1938

**utilização original**

Estação Fitossanitária  
do São Bento

**utilização atual**

Centro Pan-Americano  
de Febre Aftosa e Saúde  
Pública Veterinária



F

oi em 1938 que o atual prédio do **CENTRO PAN-AMERICANO** foi construído pelo Ministério da Agricultura. Originalmente abrigou a **Estação Fitossanitária do São Bento**, que tinha por objetivo estabelecer um espaço de pesquisa acerca das endemias rurais, particularmente da **MALÁRIA**, e da melhoria da produção vegetal. Foram construídos laboratórios, contratados pesquisadores, estabelecidos espaços de exposição de equipamentos e de apresentação de técnicas agrícolas a serviço da agricultura brasileira.



## CIDADE DOS MENINOS

Em 1942, as terras da gleba 3 do Núcleo Colonial São Bento foram cedidas para a instalação de um orfanato. O projeto foi idealizado pela primeira-dama Darcy Vargas como um local para abrigar meninas órfãs ou em situação de vulnerabilidade social, a Cidade das Meninas. No entanto, o local acabou se tornando um lar para meninas e meninos, e ficou conhecido como Cidade dos Meninos. O complexo arquitetônico era formado por portal de entrada e de controle, residências para trabalhadores, institutos educativos, escolas, oficinas, panificadora, prédios para alojamentos e administração. Em 1945, após o término do Estado Novo, a Cidade dos Meninos passou a ser gerenciada pela Fundação Cristo Redentor.

Pouco depois, em 1946, o Ministério da Saúde, em parceria com o Ministério da Agricultura, instituiu no interior da cidade o **Instituto de Malariaologia**, com vistas a investir em laboratórios de pesquisas dedicados ao combate da malária e outras endemias rurais. O instituto estabeleceu no local um hospital para a assistência aos doentes; a Vila Malária, local destinado a abrigar funcionários do Instituto; laboratórios de pesquisa; e, em 1950, construiu uma **Fábrica de Profilaxia** com o objetivo de produzir medicamentos e pesticida BHC (**PÓ DE BROCA**) para combater a malária, através da dedetização domiciliar.

Ainda na década de 1950, após intenso trabalho de dedetização, os casos de malária foram controlados. Por sua vez, a Fábrica de Profilaxia foi fechada por conta da Organização Mundial de Saúde (OMS) reconhecer que o BHC era altamente agressivo à vida humana. O Instituto de Malariaologia se retirou da Cidade dos Meninos, mas deixou o pesticida nas instalações da fábrica e, anos depois, a cidade e seus moradores estavam expostos a uma contaminação crônica, até hoje insolúvel.

Mosquito-prego,  
transmissor da  
malária

Fábrica  
de BHC

## MALÁRIA

é uma doença infecciosa causada por um parasita do gênero Plasmodium, que é transmitida para humanos pela picada de fêmeas infectadas do mosquito Anopheles (mosquito-prego). Os sintomas da doença incluem febre, tremores, suores intensos, dor de cabeça e dores no corpo.

As principais formas de prevenção individual da doença acontecem com o uso de repelentes, mosqueteiros e telas em portas e janelas. Já as medidas de prevenção coletiva, incluem a eliminação de potenciais criadouros do mosquito e dedetização.



Estátua de  
Darcy Vargas  
na Cidade dos  
Meninos



## PÓ DE BROCA

é o nome popular do inseticida BHC (Benzene Hexachloride). É um produto que combate pragas na lavoura e, ao entrar em contato com a pele, tem efeito cumulativo, causando danos irreversíveis ao sistema nervoso central. A absorção pelo organismo pode ocorrer por via oral, respiratória ou simples contato com a pele. Entre os sintomas estão convulsões, dores de cabeça, tremores, arritmia e até óbito, em casos mais graves.

Os meninos  
da Cidade dos Meninos ↗



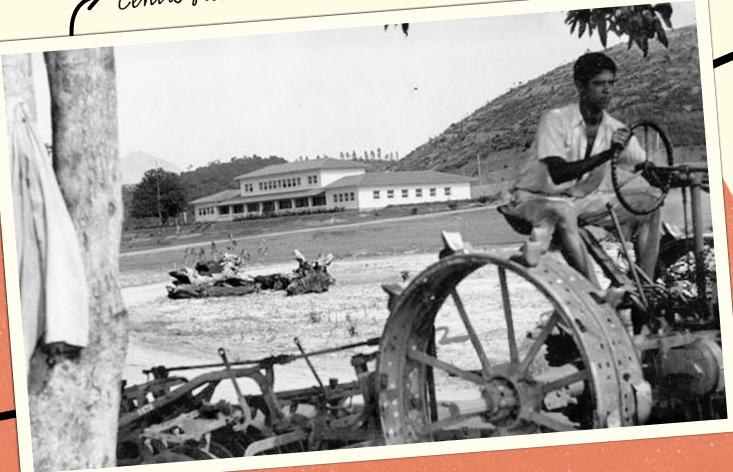
Entrada da  
Cidade dos  
Meninos ↗



Trabalho de campo para diagnóstico  
da contaminação do solo ↗



Operário em frente ao  
Centro Pan-Americanoo



#### FEBRE AFTOSA

é uma doença infecciosa, altamente contagiosa, que causa febre seguida do aparecimento de aftas, principalmente na boca e nos pés de animais de casco fendido, como bovinos, búfalos, caprinos, ovinos e suínos.

A doença é causada por um vírus, que pode se espalhar rapidamente, já que sua transmissão acontece pelo contato direto de um animal infectado com outros animais, ou pelo contato com alimentos e objetos contaminados. O combate à doença é feito através da vacinação preventiva e do sacrifício sanitário dos animais doentes, aliado ainda à eliminação de fontes de infecção.

Mais tarde, o governo federal transferiu a Estação Fitossanitária para a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), localizada em Seropédica, também na Baixada Fluminense, e o prédio passou a ser ocupado pelo **Centro Pan-Americanoo de Febre Aftosa e Saúde Pública Veterinária**, da Organização Pan-Americana da Saúde / Organização Mundial da Saúde (OPAS /OMS).

Criado em 1951, a partir de um acordo entre a Organização dos Estados Americanos (OEA), a Oficina Sanitária Pan-Americana e o Governo do Brasil, tinha como objetivo ser o centro especializado em **FEBRE AFTOSA** das Américas e, dessa forma, cooperar com os países da região na organização, desenvolvimento e fortalecimento dos programas nacionais de prevenção, controle e erradicação da doença.

Até hoje as belas edificações do Centro Pan-Americanoo, e sua majestosa alameda de palmeiras imperiais, destacam-se na paisagem de quem passa pela Avenida Governador Leonel de Moura Brizola.





REOLHANDO

O

PERCURSO

Nossa jornada de descobrimento do percurso do Museu Vivo do São Bento termina aqui, mas ainda temos mais um convite a fazer.

Em 2013, os alunos do Programa Jovens Agentes do Patrimônio, um programa de educação patrimonial realizado pelo MVSB, construíram um conceito coletivo de patrimônio. Esse conceito tocou profundamente toda a equipe do museu e vem sendo relembrado constantemente.

**Patrimônio** é o caminho das formigas, os botões que a Jaqueline achou enterrados, é a tristeza e é a morte, é a comunidade. Todas as coisas ao nosso redor são patrimônio: o que é importante e o que parece não ser importante, a conversa com a amiga, o dia a dia, as pessoas, a vergonha.

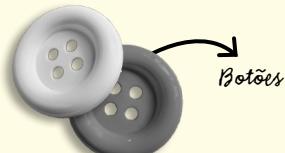
É um patrimônio saber que a gente é uma comunidade...

Ao longo do almanaque, você deve ter percebido diversas imagens de objetos que não conseguiu relacionar diretamente ao assunto tratado.

Pois bem, esses são alguns objetos-patrimônio especialmente selecionados para iniciar reflexões.

*Sua missão agora é encontrar todos eles e propor significações patrimoniais. Registre abaixo a página onde cada um pode ser encontrado.*

Ex:



ALECRIM, p. \_\_\_\_

BOTÕES, p. 32

BULE, pg. \_\_\_\_

CAMINHO DE FORMIGAS, p. \_\_\_\_

CRÂNIO BOVINO, p. \_\_\_\_

ENVELOPE, p. \_\_\_\_

ESPADA DE SÃO JORGE , p. \_\_\_\_

FONE, p. \_\_\_\_

MÁQUINA DE COSTURA, p. \_\_\_\_

PIÃO, p. \_\_\_\_

PIPA, p. \_\_\_\_

SANFONA, p. \_\_\_\_

TAMBOR, p. \_\_\_\_

TELHA, p. \_\_\_\_

TIJOLOS, p. \_\_\_\_

VELA, p. \_\_\_\_

VIOLÃO, p. \_\_\_\_

*Registre aqui as significações patrimoniais  
imaginadas para os objetos encontrados.*

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## **GUIA DE VISITAÇÃO**

O Museu Vivo do São Bento está localizado à Rua Benjamin da Rocha Junior, s/nº, São Bento, Duque de Caxias, RJ e está aberto a visitações de **segunda à sexta**, das **9h às 17h**. A entrada é gratuita.

Para agendar sua visita ou sanar qualquer dúvida, entre em contato através do email **contato@museuvivodosabento.com.br** ou pelo telefone **(21) 2653-7681**. Você também pode procurar a gente nas redes sociais **@museuvivodosabento**.

Alguns pontos do percurso se encontram fechados ao público, somente sendo possível conhecer a área externa destes. A possibilidade de ingresso nos prédios varia. Você pode se orientar consultando a lista ao lado.

### **CASA DO ADMINISTRADOR**

Necessário  
agendamento prévio.

### **CASARÃO E CAPELA**

Necessário  
agendamento prévio.

### **TULHA A**

Fechada ao público.

### **FARMÁCIA**

Fechada ao público.

### **TELÉGRAFO**

Fechada ao público.

### **SEDE ADMINISTRATIVA**

Aberta ao público  
de segunda a sexta  
das 9h às 17h.

### **ESPORTE CLUBE**

### **SÃO BENTO**

Aberta ao público.

### **SAMBAQUI**

Necessário  
agendamento prévio.

### **TULHA B**

Necessário  
agendamento prévio.

### **NOVO SÃO BENTO**

Aberta ao público.

### **RIO IGUAÇU**

Aberta ao público.\*

### **MORRO DO CÉU**

Aberta ao público.\*

### **CENTRO PAN-AMERICANO**

Fechada ao público.

*\* Espaço sem infraestrutura adequada para visitação.  
Recomendamos que a visita seja feita acompanhada por um guia do MVSB.*

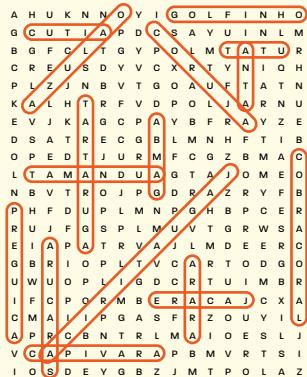
## RESPOSTAS DAS ATIVIDADES



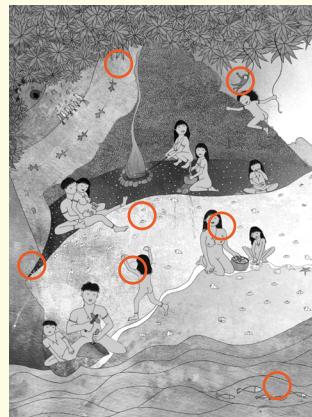
PÁGINA 49

*Venha visitar o MVSB!  
Você conseguiu desvendar  
o código, parabéns!*

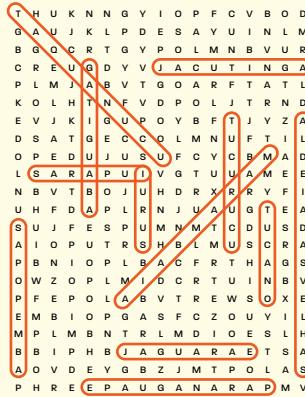
PÁGINA 71



PÁGINA 77



PÁGINAS 106-107



PÁGINA 113

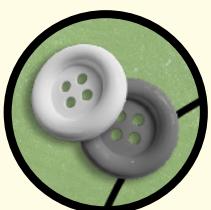


PÁGINAS 150-151

PÁGINA 165



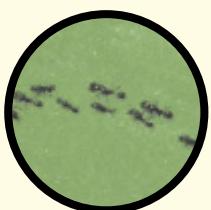
ESPADA DE  
SÃO JORGE  
p. 29



BOTÕES  
p. 32



PIÃO  
p. 40



CAMINHO DE  
FORMIGAS  
p. 68-69



BULE  
p. 83



VIOLÃO  
p. 100



MÁQUINA DE  
COSTURA  
p. 43



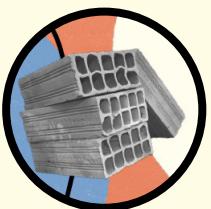
TELHA  
p. 55\_



ALECRIM  
p. 59



CRÂNIO BOVINO  
p. 117



TIJOLOS  
p. 122



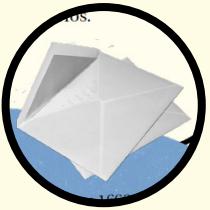
PIPA  
p. 140



SANFONA  
p. 60



FONE  
p. 66



ENVELOPE  
p. 68



TAMBOR  
p. 141



VELA  
p. 160

## CRÉDITOS DAS IMAGENS

### CAPA E GUARDAS

**GUARDA 01** Fazenda do Iguaçu. 1922. Acervo Mosteiro de São Bento.

**GUARDA 02** São Bento. Foto: Filipo Tardim, 2022. Acervo MVSB.

### ABERTURAS DE CAPÍTULO

**P. 06-07** Museu Vivo do São Bento. Novo São Bento, 1995. Acervo MVSB.

**P. 12-13** Fazenda do Iguaçu. 1918. Acervo Mosteiro do São Bento

**P. 26-27** Casa do Administrador. Foto: Filipo Tardim, 2019. Acervo MVSB.

**P. 34-35** Casarão e Capela. Foto Filipo Tardim, 2022. Acervo MVSB.

**P. 50-51** Tulha A. Foto Filipo Tardim, 2019. Acervo MVSB.

**P. 56-57** Farmácia. Foto: Filipo Tardim, 2022. Acervo MVSB.

**P. 64-65** Telégrafo. Foto: Isabel Reis, 2017. Acervo MVSB.

**P. 72-73** Sede Administrativa. E. M. Nísia Vilela Fernandes. Sem data. Acervo MVSB.

**P. 80-81** Casa do Colono. Foto: Marisa Gonzaga, 2006. Acervo: MVSB.

**P. 88-89** Esporte Clube. Foto: Filipo Tardim, 2019. Acervo MVSB.

**P. 96-97** Sambaqui. Foto: Filipo Tardim, 2014. Acervo MVSB.

**P. 114-115** Tulha B. Foto: Marisa Gonzaga, 2006. Acervo: MVSB.

**P. 120-211** Novo São Bento. 1995. Acervo MVSB.

**P. 128-29** Rio Iguaçu. Foto: Filipo Tardim, 2015. Acervo MVSB.

**P. 138-139** Morro do Céu. Foto: Filipo Tardim, 2014. Acervo MVSB.

**P. 152-153** Centro Pan-American. Foto: Filipo Tardim, 2019. Acervo MVSB.

**P. 162-163** São Bento. Foto: Filipo Tardim, 2022. Acervo MVSB.

### LINHA DO TEMPO

**P. 20** Conchas. Foto: Filipo Tardim, 2013. Acervo MVSB.

**P. 20** Cestos indígenas. Foto: Leear Martiniano, 2019. Acervo MVSB.

**P. 21** Máscara Africana confeccionada por Luckman Alade Fakeye. Foto: Filipo Tardim, 2014. Acervo MVSB.

**P. 22** Máscara. Foto: Filipo Tardim, 2024. Acervo MVSB.

**P. 22** Tacho. 2010. Acervo MVSB.

**P. 23** Tijolo da Tulha A. Foto: Filipo Tardim, 2019. Acervo MVSB.

**P. 23** Boneca Preta. Foto: Leear Martiniano, 2019. Acervo MVSB.

### OBJETOS-PATRIMÔNIO

**P. 30** Espada de São Jorge. Imagem por Wirestock via Freepik.

**P. 32** Botões. MabelAmber via Pixabay

**P. 40** Pião. Imagem por Wirestock via Freepik.

**P. 43** Maquina de Costura. Acervo Núcleo de Memória do Migrante Nordestino.

**P. 55** Telha da Tulha A. Foto: Filipo Tardim, 2019. Acervo MVSB.

**P. 58** Alecrim. Imagem por Leear Martiniano, 2024.

**P. 60** Sanfona. Imagem por Tohamina via Freepik.

**P. 66** Fone. Imagem por Freepik.

**P. 68** Envelope. Imagem por Leear Martiniano, 2024.

**P. 68-69** Formigas. Foto: Andre Moura via Pexels.

**P. 83** Bule. Imagem por Mrsiraphol via Freepik.

**P. 100** Violão. Imagem por Zirconicusso via Freepik.

**P. 117** Crâneo Bovino. Foto: Filipo Tardim, 2019, Acervo MVSB.

**P. 122** Tijolos. Foto: Leear Martiniano, 2024.

**P. 140** Pipa de Francisco Gregório Filho. Foto: Filipo Tardim, 2019. Acervo MVSB.

**P. 141** Tambor. Imagem por Wirestock via Freepik.

**P. 166** Vela. Imagem por Mdjaff via Freepik.

## OUTRAS

**P. 11:** Boi Gentileza.  
Foto: Leear Martiniano, 2019.  
Acervo MVSB.

**P. 13** Mapa Capitania  
do Rio de Janeiro. 1767.  
Acervo MVSB.

**P. 19** Namoradeira. 2011.  
Acervo MVSB.

**P. 24-25** Entrada MVSB.  
Foto: Leear Martiniano, 2024.  
Acervo MVSB.

**P. 30** Getúlio Vargas.  
Domínio público, via  
Wikimedia Commons.

**P. 33** Casa do Administrador.  
Foto: Filipo Tardim, 2019.  
Acervo MVSB.

**P. 38** Casarão. Acervo Iphan.

**P. 38-39** São Bento. Acervo  
Diocese de Duque de Caxias.  
Catálogo da exposição  
“Devoção e Esquecimento”.  
Presença do Barroco na  
Baixada Fluminense”.

**P. 39** Beneditinos. Acervo  
Mosteiro de São Bento.

**P. 40-41** Patronato São  
Bento. Acervo Mosteiro  
de São Bento.

**P. 42** Casa de Retiro.  
Acervo CRPH.

**P. 42** Maria Bonita. 2022.  
Acervo Núcleo de Memória  
do Migrante Nordestino.

**P. 44** Nossa Senhora do  
Rosário: Acervo Diocese  
de Duque de Caxias. Livro  
Devoção e Esquecimento.  
Presença do Barroco na  
Baixada Fluminense.

**P. 45** Capela. 1922.  
Acervo Biblioteca Nacional.

**P. 45** Capela. Foto: Filipo  
Tardim, 2011. Acervo MVSB.

**P. 46-47** Capela. Foto: Filipo  
Tardim, 2018. Acervo MVSB.

**P. 47** Igreja Pilar. Foto: Filipo  
Tardim, 2018. Acervo MVSB.

**P. 53** Tulha A. 1922.  
Acervo Biblioteca Nacional.

**P. 54** Tulha A. Foto: Filipo  
Tardim, 2022. Acervo MVSB.

**P. 60-61** Bandeira Reisado  
Flor do Oriente. 2014.  
Acervo MVSB.

**P. 61** Palhaço Reisado Flor do  
Oriente. 2014. Acervo MVSB.

**P. 62-63** Casarão, Capela,  
Tulha A e Farmácia. 1922.  
Acervo Biblioteca Nacional.

**P. 70** Telégrafo. Foto: Milica  
Buha, CC BY-SA 4.0, via  
Wikimedia Commons.

**P. 75** Quadro na Escola  
Municipal Nísia Vilela  
Fernandes. Foto: Filipo  
Tardim, 2024. Acervo MVSB.

**P. 76** Escoteiros. Acervo 37º  
Grupo Escoteiro Fernão  
Dias Paes Leme.

**P. 78-79** Sede Administrativa.  
Foto: Arilson Mendes Sá,  
2018. Acervo MVSB

**P. 85** Colonos Japoneses.  
Acervo MVSB.

**P. 86-87** Casas de Colonos.  
Acervo CPDOC/FGV.

**P. 91** Roberto Dinamite.  
Domínio público, via  
Wikimedia Commons.

**P. 92-93** Esporte Clube,  
Carnaval. Coleção Teresa  
Senna Costa. Acervo MVSB.

**P. 94** Orkestra Popular  
Barracão. Foto: RaH BXD.

**P. 94-95** Busto de Joãozinho  
da Gomeia. Foto: Filipo  
Tardim, 2014. Acervo MVSB.

**P. 98** Almofariz.  
Acervo MVSB.

**P. 100** Concha. Foto: Leear  
Martiniano. Acervo MVSB.

**P. 103** Escavação Sambaqui.  
Acervo MVSB.

**P. 104-105** Tipos de concha.  
Fotos: Filipo Tardim, 2013.  
Acervo MVSB.

**P. 106-107** Painel Sambaqui.  
Ilustração de Juju  
Martiniano, 2013.

**P. 108** Manto Tupinambá.  
Domínio público, via  
Wikimedia Commons.

**P. 109** Tupinambás.  
Domínio público, via  
Wikimedia Commons.

**P. 110** Aldeia Tupinambá.  
A. F. Lemaître, CC0, via  
Wikimedia Commons.

**P. 111** Jacutinga. Bruno Girin,  
CC BY-SA 2.0, via Wikimedia  
Commons.

**P. 118-119** Moto Clube Veneno  
da Cobra. Acervo Moto Clube  
Veneno da Cobra.

**P. 124-125** Novo São Bento.  
Foto: Filipo Tardim, 2022.  
Acervo MVSB.

**P. 130** Moradores no Iguaçu. Foto: Filipo Tardim, 2024. Acervo MVSB.

**P. 136-137** Hidra de Iguaçu. Foto: Filipo Tardim, 2024. Acervo MVSB.

**P. 137** Máscara. Foto: Filipo Tardim, 2024. Acervo MVSB.

**P. 142** Morro do céu. Foto: Filipo Tardim, 2022. Acervo MVSB.

**P. 145** Reduc. Acervo Instituto Histórico/ Câmara Municipal de Duque de Caxias.

**P. 146-147** Reduc. Foto: Filipo Tardim, 2022. Acervo MVSB.

**P. 148** Lixão do Gramacho. Foto: Filipo Tardim, 2018. Acervo MVSB.

**P. 149** Obelisco de Jardim Gramacho: Acervo MVSB.

**P. 150-151** Lixão. Ilustração Bento Martiniano, 2024.

**P. 156-157** Darcy Vargas. Foto: Filipo Tardim, 2023. Acervo MVSB.

**P. 157** Fabrica de pesticida. Relatório Atuação do Ministério da Saúde no caso de contaminação ambiental por pesticidas organoclorados, na Cidade

dos Meninos, Município de Duque de Caxias, RJ.

**P. 157** Mosquito. Foto: Jim Gathany, Domínio público, via Wikimedia Commons.

**P. 158** Técnicos Cidade dos Meninos: Relatório atuação do Ministério da Saúde no caso de contaminação ambiental por pesticidas organoclorados, na Cidade dos Meninos, Município de Duque de Caxias, RJ.

**P. 158-159** Meninos na Cidade dos Meninos. Acervo Cepemhed.

**P. 159** Cidade dos Meninos: Foto: Filipo Tardim, 2023. Acervo MVSB.

**P. 160** Centro Pan-Americano. Acervo CPDOC/FGV.

## LEITURAS PARA MAIS SABER

ABREU, Maurício. **Geografia histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2010.

BELCHIOR, Elysius de Oliveira. **Conquistadores e povoadores do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Livraria Brasiliiana, 1965.

BEZERRA, Nielson Rosa. **As chaves da liberdade: confluências da escravidão no Recôncavo do Rio de Janeiro, 1833-1888**. Niterói: Eduff, 2008.

BEZERRA, Nielson R.; SOUZA, Marlucia S.; NASCIMENTO, Aline S. **Nas sombras da diáspora: patrimônio e cultura afro-brasileira na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias, RJ: APPH-Clio/ Inepac, 2013.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Perguntas Frequentes Febre Aftosa**. Disponível em: < <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/>

sanidade-animal-e-vegetal/ saude-animal/programas-de-saude-animal/febre-aftosa/documentos-febre-aftosa/PerguntasfrequentesFebreafcosa.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Malária**. Disponível em: < <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-aa-z/m/malaria#:~:text=A%20mal%C3%A1ria%20uma%20doen%C3%A7a,ao%20entardecer%20e%20ao%20amanecer.>> Acesso em: 01 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. **Atuação do Ministério da Saúde no caso de contaminação ambiental por pesticidas organoclorados, na Cidade dos Meninos, Município de Duque de Caxias, RJ**. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRISO, Caio Barreto. **Gramacho:** a cidade do lixo parada no tempo a 30 quilômetros da praia de Copacabana. Agência Pública, 2022. Disponível em: < <https://apublica.org/2022/03/gramacho-a-cidade-do-lixo-parada-no-tempo-a-30-quilometros-da-praia-de-copacabana/>>. Acesso em: 01 jun. 2024.

CARIAS, Aurelina J. C.; NOGUEIRA, Risonete M.; SOUZA, Marlucia S. Museu Vivo do São Bento: uma lamparina! In: SALVADOR, Andreia C.; GONÇALVES, Rafael S. (org.). **Organizações sociais populares: educação e memória nas periferias.** 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. p. 65-90.

CORDEIRO, Jeanne. **Ocupação pré-história da região dos Lagos.** Rio de Janeiro: Laboratório de Arqueologia Brasileira, 2009.

CORREA, Magalhães. Baixada e montes. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 3 de março de 1940, p. 6.

CORREIOS. **Linha do tempo.** Disponível em: <<https://www.correios.com.br/>

educacao-e-cultura/museu-dos-correios-1/linha-do-tempo> Acesso em: 01 jun. 2024.

COSTA, Márcia Spadetti Tuão da. **Patronato São Bento:** assistência, escolarização e trabalho para menores em Duque de Caxias (1950-1969). Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGECUERJ, Duque de Caxias. 2017.

FRANCO, Vitor Hugo Monteiro. **Escravos da religião:** família e comunidade nas propriedades beneditinas no Recôncavo da Guanabara (1817-1857). Dissertação (Mestrado em História) – PPGH-UFF, Niterói. 2019.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas:** mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GONZAGA, Marisa; SOUZA, Marlucia S. As políticas ruralistas instituídas na Baixada Fluminense. **Revista Pilares da História,** Duque de Caxias, ano 10, n. 12, p. 58-70, dez. 2011.

LISANTI, Luís. Estratégia de gestão: um exemplo, Rio de Janeiro 1620/1793. **Estudos Econômicos**, n. 13, p. 763-769, 1983.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil.** São Paulo: Edusp, 1975.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

MONTEIRO, Marcus; LAZARONI, Dalva. Devocão e Esquecimento. Presença do Barroco na Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: Casa França-Brasil. 2001. Catálogo de exposição, 19 nov. - 16 dez. 2001, Casa França-Brasil.

REIS, N. C. Isabel (org.). **Inventário participativo do Museu Vivo do São Bento. Duque de Caxias: MVSB,** 2018.

NIGRA, Dom Clemente da Silva. A antiga fazenda do São Bento em Iguaçu. **Revista do Iphan**, n. 7. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1943.

OLIVEIRA, R. A. **Memórias da ocupação indígena no Estado do Rio de Janeiro:** Um estudo de caso do Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba; Dissertação (Mestrado em Memória Social) – PPGMS-Unirio, Rio de Janeiro. 2011.

OLIVERA HERNÁNDEZ, Maria Hermínia. **A administração dos bens temporais do mosteiro de São Bento da Bahia.** Salvador: Edufba, 2009.

PACHECO, Paulo Henrique Silva. **Fazenda São Bento do Aguassu:** novas abordagens. Rio de Janeiro: 2008. (Material de Apoio ao Grupo de Estudos História da Baixada Fluminense, promovido pelo CRPH/SME-DC).

PETROBRAS. **Refinaria Duque de Caxias (Reduc).** Disponível em: <<https://petrobras.com.br/quemsomos/refinaria-duque-de-caxias>>. Acesso em 01jun. 2024.

REIS, João J.; GOMES, Flávio S. (org.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. SP: Cia das Letras, 1996.

ROCHA, Mateus Ramalho. **O mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, 1590/1990**. Rio de Janeiro: Ed. Studio HMF, 1991.

SAINTE-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. Inovação em saúde e desenvolvimento nacional: origens, criação e atuação do Instituto de Malariologia (1943-1956). **Revista Rio de Janeiro**, n. 1, p. 87-115, set./dez. 2003.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **História de São Paulo**. SP: Unesp, 2009.

SOARES, Mariza C.; BEZERRA, Nielson R. **Escravidão africana no Recôncavo da Guanabara** (séculos XVIII e XIX). Niterói: Eduff, 2011.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. **Monges negros**: trajetórias, cotidiano e sociabilidade dos beneditinos no Rio de Janeiro - Século XVIII. Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2007.

SOUZA, Jorge Vitor de Araújo. **Para além do claustro**: uma história social da inserção beneditina na América Portuguesa. 1580/1690. Rio de Janeiro: Eduff, 2014.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Poder local entre ora et labora: a casa beneditina nas tramas do Rio de Janeiro seiscentista. **Tempo**, Revista do Departamento de História da UFF, n. 32, 2011.

SOUZA, Marlucia Santos de. **Escavando o passado da cidade**: história política da cidade de Duque de Caxias. Rio de Janeiro: APPH/Clio, 2014.

SOUZA, Marlucia Santos de. **Os impactos das políticas agrárias e de saneamento na Baixada Fluminense**. Niterói, 2005; Texto de comunicação apresentado em Simpósio sobre Políticas Públicas, 2006.

SOUZA, Marlucia S.; RIBEIRO, Silene O. Memórias ancestrais no norte e oeste das Cercanias da Guanabara: no tempo das conchas e da jacutinga. **Revista Pilares da História**, Duque de Caxias, ano 20, n. 19, p. 37-44, jun. 2021.

THEVET, André. **As Singularidades da França Antártica**. Rio de Janeiro: APGIQ, 1978.

TORRES, Rogério. **Caxias de Antigamente**. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2015.

## **LEEAR MARTINIANO**

é designer gráfico, bacharel em Direito e Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, pós-graduando em Produção Editorial. Por dez anos integrou a equipe de comunicação do MVSB.

## **MARLUCIA SANTOS DE SOUZA**

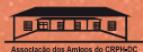
é Mestre em História; Diretora do Museu Vivo do São Bento; Professora de História da rede estadual de educação do Estado do Rio de Janeiro; Coordenadora da rede de proteção do conselho gestor da APA São Bento.



Um **almanaque** pensado para todos que têm vontade de conhecer o percurso do **Museu Vivo do São Bento**. Ao percorrer todos os **14 pontos do percurso**, você vai encontrar informações que marcaram a história do município de Duque de Caxias nos últimos 7 mil anos.

Iniciando com os sinais da presença dos **povos originários**, passando pelo **período colonial e escravista brasileiro**, pelo **período Varguista**, e chegando ao **tempo presente**.

Com esse almanaque como guia, você é nosso convidado para conhecer o Museu Vivo do São Bento e percorrer o seu percurso. **Boa jornada!**



Associação dos Amigos do CRPH/DC



sistema brasileiro de museus



instituto brasileiro de museus





museu  
vivo  
dos sãos  
bento